



**FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
MARISA ELISABETE DA SILVA**

**A RELAÇÃO EDUCATIVA DOS PAIS COM OS FILHOS NOS PRIMEIROS
ANOS DE VIDA**

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA

2021

MARISA ELISABETE DA SILVA

**A RELAÇÃO EDUCATIVA DOS PAIS COM OS FILHOS NOS PRIMEIROS
ANOS DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade Antonio Meneghetti - AMF.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Estela Maris Giordani

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA

2021

MARISA ELISABETE DA SILVA

**A RELAÇÃO EDUCATIVA DOS PAIS COM OS FILHOS
NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA**

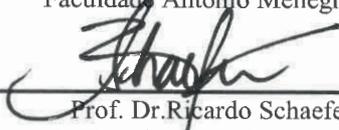
Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade Antonio Meneghetti - AMF.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Estela Maris Giordani

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^ª Dr^ª Estela Maris Giordani
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti



Prof. Dr. Ricardo Schaefer
Membro da Banca Examinadora
Instituição



Profa. Dra. Daiani Clesnei da Rosa
Membro da Banca Examinadora
Instituição

Recanto Maestro, 13 de agosto de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida e a todos aqueles que têm contribuído para que eu possa realizar o meu projeto de natureza. Gratidão!

DEDICATÓRIA

Esta monografia é dedicada aos meus pais, pilares da minha formação nos meus primeiros anos de vida. A minha amiga, de tantas horas, Sra. Maria Alzira Nobre pelo exemplo no caminho do conhecimento. À Irmã Edwiges (in memoriam) minha primeira professora, em 1964, a todos os educadores, famílias e crianças que contribuíram e contribuem para que possamos coordenar a busca da alma.

Agradeço a Fundação Antonio Meneghetti pelo apoio a nós concedido.

E, um agradecimento especial à Prof^a Dr^a Estela Maris Giordani, minha Orientadora, e primeira Coordenadora da primeira turma do curso de Pedagogia da Antonio Meneghetti Faculdade, por coadjuvar para alcançarmos responsabilidade à própria identidade!

Ao Professor Antonio Meneghetti meu agradecimento especial por nos proporcionar a existência da Antonio Meneghetti Faculdade e o curso de Pedagogia nesta instituição com professores de qualidade que agregam valor à nossa vida.

A todos vocês que mencionei ou não, gratidão!

Epígrafe

“Cada dia, o espírito projeta
no aqui e agora circunstanciado.
Sabendo ter em mãos esta gráfica particular,
registrando-a continuamente entre existência e ser,
entre situação e projeto, entre possibilidade e objetivo
nasce a evidência do espírito realizado
onde eu sou e vou.”

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2010.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender a relação do casal na educação dos filhos estabelecendo como objetivos: investigar a intencionalidade consciente dos adultos se tornarem genitores, verificar se os pais buscam conhecer como podem prover a educação de seus filhos, conhecer os valores que os pais utilizam na educação dos filhos e confrontar se existe congruência entre os valores intencionados e praticados na educação dos filhos. Esta pesquisa teve como fundamento teórico a pedagogia Ontopsicológica. A metodologia utilizada foi a qualitativa e a coleta de dados foi realizada por meio da elaboração de uma entrevista de 21 perguntas abertas, organizadas em temas para responder aos objetivos de pesquisa. Foram entrevistados sete pais que se dispuseram a contribuir com nossa investigação. Os dados revelam algumas conclusões principais: a) a relação do casal deve ocorrer a partir do egoísmo sadio do casal; b) a intencionalidade do casal em ter filhos interfere na educação deles; c) a importância da realização existencial do adulto-mãe (educador/pais). Por fim, evidenciamos a pedagogia Ontopsicológica como suporte da nossa atividade profissional do pedagogo bem como para a educação dos filhos nos primeiros anos de vida, pois ela proporciona aos pais e educadores alcançar a arte de como coadjuvar ou desenvolver uma criança à realização.

Palavras-chave: Relação pais e filhos. Pedagogia Ontopsicológica. Educação dos Filhos.

ABSTRACT

This study aims to understand the couple's relationship in the education of the children establishing as objectives: to investigate the conscious intentionality of adults becoming parents, to check if parents seek to know how they can provide for their children's education; to know the values that parents use in their children's education and to confront whether there is congruence between the values intended and practiced in the education of children. This research had as theoretical foundation the Ontopsychological pedagogy. The methodology used was qualitative and data collection was performed through the elaboration of an interview of 21 open questions, organized in themes to meet the research objectives. Seven parents who were willing to contribute to our investigation were interviewed. The data reveal some main conclusions: a) the couple's relationship must occur from the healthy selfishness of the couple; b) the intention of the couple to have children interferes with their education; c) the importance of the existential realization of the adult-mother (educator/parents). In the end we evidence Ontopsychological pedagogy as a support of our professional activity of the pedagogue as well as for the education of children in the first years of life, because it provides parents and educators with the art of how to help or develop a child to achievement.

Keywords: Parent-child relationship. Ontopsychological Pedagogy. Children upbringing.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 PRESSUPOSTO DO CASAL PARA TER FILHO | 14 |
| 2.1 RELAÇÃO ADULTO CRIANÇA..... | 14 |
| 2.2 RELAÇÃO PAIS E FILHOS | 15 |
| 2.3 DÍADE..... | 16 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 17 |
| 3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO..... | 18 |
| 3.2 AMOSTRAGEM E SUJEITOS DA PESQUISA..... | 21 |
| 3.3 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA..... | 24 |
| 4 A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA..... | 26 |
| 4.1 RELAÇÃO DO CASAL E EDUCAÇÃO DOS FILHOS..... | 28 |
| 4.2 INTENCIONALIDADE DE SER PAIS E ASSESSORIA | 36 |
| 4.3 PRÁTICAS DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS | 43 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 50 |
| REFERÊNCIAS | 53 |
| APÊNDICE | 56 |

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida do ser humano são primordiais para a sua caminhada existencial, pois é nele que se encontram os fundamentos que possibilitam o reconhecimento e a vivência do próprio potencial ao longo da vida. Esta premissa infere que, com aquilo que se aprende e apreende, nessa faixa etária, preferencialmente de forma sadia, é o alicerce do ser pessoa, profissional, cidadão e estar em evolução.

O tema “relação pais e filhos nos primeiros anos de vida da criança” busca elucidar, para além do que já existe consolidado na pesquisa pedagógica, a exemplo de tantos estudiosos, como Maria Montessori, Jean Piaget, dentre outros, a proposta de compreensão da educação no seio da família e a partir da pedagogia ontopsicológica é o nosso desafio. Esta abordagem traz uma novidade de como compreender o ser humano e a criança em seu apelo metafísico no contexto existencial. Nos propusemos a construir essa pesquisa, a fim de ampliar a compreensão que Meneghetti essencializou nos diversos textos que tratam dessa temática. O autor parte da seguinte questão: "qual é a arte, qual é a técnica para colaborar com o grande projeto da vida que existe em cada criança que aparece neste planeta através das nossas mãos?" (MENEGHETTI, 2015, p. 13). A pesquisa da Pedagogia Ontopsicológica, portanto, visa desvelar essa problemática. E, é nesse contexto que se insere nossa investigação.

Estudar como ocorre a educação nos primeiros anos de vida me remete a uma investigação pessoal sobre a descoberta de como o meu Eu foi configurado. Portanto, ao pesquisar tive a oportunidade de revisar a minha trajetória e descobrir por meio dela, a construção atual da condição de pedagoga. Trata-se de “estar gestando a descoberta/percepção do meu Eu pessoa” e, neste movimento, o conhecimento de quem sou. A pesquisa com pais e mães traz a intencionalidade do sentido da existência do filho para a vida do casal. E, conhecer o contexto e as referências que expõe esta projeção de ter o filho, como conduzir a sua educação, me suscitou rever como fui educada na condição de filha primogênita e quais valores foram cultivados no contexto da vida de casal de meus pais. Tudo isso, foi um processo de provocar meu autoconhecimento.

Ao pensar na minha infância, especificamente em março de 1964, vejo uma menina com 6 anos e 11 meses, sorridente, se dirigindo para a escola em seu uniforme composto por uma blusa branca, saia azul marinho plissada, meias brancas até o joelho e sapato preto. E um sorriso radiante por estar alcançando uma meta - estudar, o sonho de uma vida! Não recorro da pasta nem do material escolar, apenas uma pessoa feliz! Ao lado dessa menina o irmão mais velho e uma prima, duas pessoas a quem admirava por já estarem trilhando a estrada do conhecimento.

O ano de 1964 fervilhava por questões políticas, mas a menina só tinha conhecimento da felicidade em estudar! O tempo passou e ela cursou Letras - Português/Inglês, duas grandes paixões!

Hoje, passados 57 anos, aquela menina já transitou por diversos estados brasileiros, além de dois países significativos que, após premiações por sua escrita, foi contemplada a ir para estudar - Estados Unidos e Suíça!

Nos Estados Unidos estudou na Universidade da Califórnia, São Francisco, em um curso de férias, onde com aulas teóricas e atividades de campo aprimorou seu conhecimento de inglês o que lhe abriu as portas ao retornar para o Brasil, iniciando sua atividade profissional, como English teacher. Foi a primeira professora de uma escola que abria as portas e atenderia, dentre outros, colaboradores de uma grande empresa daquela cidade da região metropolitana de Porto Alegre. A partir daí, surgiram os convites para ser professora de cursos de inglês, de escolas particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Genebra, na Suíça, foi outro grande momento de aprendizagem e evolução pessoal - estudar diplomacia multilateral, na ONU, e participar do Symposium Internacional 'Formando Lideranças para o Desenvolvimento Futuro: compartilhando experiências'.

Essa trajetória me faz refletir e agora escrever sobre o tema que considero fundamental para a vida das pessoas, de uma forma especial, A relação pais e filhos no processo de aprendizagem nos primeiros anos de vida da criança. E, acrescento ainda, como o pedagogo poderia auxiliar na educação da criança, a partir de seu critério de natureza, por meio da orientação aos pais.

Recordo em minha primeira infância, meu pai sempre dizia para estudarmos, pois além de ser a única herança que poderia nos deixar, era o que nos elevaria como humanos. Meus pais frequentaram a escola até o terceiro ano primário e se esforçaram

em estudar conosco, para que tivéssemos uma rotina diária de comprometimento com o saber.

Hoje, tendo percorrido diversos espaços como estudante e como professora tive e tenho a oportunidade de contatar com crianças, jovens e adultos que muitas vezes não conseguiram apreender a dimensão do conhecimento. E, a especificidade do meu tema, se refere particularmente aos pais de crianças nos primeiros anos, período fundamental que alicerça a caminhada da vida através da aprendizagem.

A importância da relação pais e filhos é vislumbrada por teóricos como Maria Montessori (s/d) e Vidor (2014) e nos Art. 229 da Constituição Federal de 1988¹ e Art. 02 da Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB). Além disso, em situações diversas a influência dos pais sobre os filhos também se manifesta, como demonstrado na pesquisa de Gonçalves (2016) em processos de divórcio:

Verifiquei vários comportamentos dos filhos na faixa etária de 3 a 12 anos, pois no período de 2012 a 2015, atuei em casos em que esta era a idade média dos filhos. Não tive contato direto com os filhos. Os pais em sessões de mediação relataram a situação dos filhos como forma de demonstrar se o processo de divórcio estava sendo construtivo ou destrutivo e de relatar como tudo estava afetando os filhos (GONÇALVES, 2016, p. 01).

A novidade do estudo que propomos em relação ao que já existe se refere à compreensão de que, “quanto mais formos capazes de compreender o que somos, mais a verdade nos confirmará em nós mesmos” (MENEGETTI, 2011, p. 20). Em outras palavras, a pesquisa não apenas elucida as questões a respeito da educação das crianças, mas, sobretudo, evidencia uma nova compreensão sobre si.

O maior legado de Jean Piaget (1983) refere-se à compreensão de como ocorrem os estágios do desenvolvimento cognitivo do ser humano, quais sejam: sensório motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal. Cada uma destas etapas, permite prever o que se pode conhecer naquele momento de evolução em relação ao meio. O conhecimento dessa premissa permite aos pais e educadores, de um modo geral, proporcionar à criança, a expressão visível do seu potencial cognitivo. Para além do desenvolvimento da dimensão cognitiva existem as demais que necessitam ser consideradas na prática educativa, e nesta direção que se aplica o Art. 02 da LDB “A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos

¹ Art. 229 “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores...”

ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

E, considerando a necessidade de educar o homem em sentido integral (LDB) é fundamental explicitar como se compreende ser humano, como devem ser as relações deste com os outros homens e com o meio? Carotenuto (2011, p. 388), nos ajuda a compreender Meneghetti que, ao se dedicar à solução do problema preliminar de toda a pesquisa que é a autenticação de sua consciência, ou seja, ela reflete o real? Portanto, a pesquisa ontopsicológica desenvolve um método que pode certificar seu processo racional na medida em que esta é reversível, ou seja, possui coincidência entre o conhecimento e o objeto de investigação.

Com isso, conseguimos compreender melhor o que e como o curso de Pedagogia da Antonio Meneghetti Faculdade nos proporciona para realizar práticas pedagógicas coincidentes com as premissas do curso. Desde o primeiro semestre, já realizamos estágios teórico-prático, atuando na condição de profissional que possui outra licenciatura e/ou colaboradores em estágios extracurriculares de espaços educativos.

O estudo aqui proposto pode servir de reflexão e auxílio aos pais e educadores junto às crianças. Primeiro olhar o próprio interior, constatar se existe uma vida que lhe confere prazer pessoal, profissional e, conseqüentemente, como cidadão. Prazer implica no fato de autorrealização por auscultar o seu Em Si ôntico, a alma que lhe sopra a arte de viver e a partir disso, avaliar como a vida do casal promove a evolução individual para si e de seu cônjuge, conseqüentemente para seus filhos.

Problema de Pesquisa

Como os genitores compreendem e desenvolvem a relação educativa de seus filhos nos primeiros anos de vida?

Objetivo Geral

Investigar como os genitores compreendem e desenvolvem a relação educativa nos sete primeiros anos de vida de seus filhos.

Objetivos Específicos

1. Compreender a influência da relação do casal na educação dos filhos.
2. Investigar a intencionalidade consciente dos adultos se tornarem genitores.

3. Verificar se os pais buscam conhecer como podem prover a educação de seus filhos.
4. Conhecer os valores que os pais utilizam na educação dos filhos.
5. Confrontar se existe congruência entre os valores intencionados e praticados na educação dos filhos.

A partir da definição dos objetivos, o próximo encaminhamento refere-se a fundamentação teórica utilizada para o desenvolvimento do trabalho.

2 PRESSUPOSTO DO CASAL PARA TER FILHO

2.1 RELAÇÃO ADULTO CRIANÇA

O casal tem uma idade própria, um tempo próprio, uma história sua! O casal deve sempre permanecer finalizado a si mesmo e deve ver os seus frutos no exterior de si.

A partir da proposta da Ontopsicologia (MENEGETTI, 2014, p. 25) se o homem e a mulher se relacionam por uma recíproca busca positiva, é suficiente essa premissa para garantir todos os outros efeitos de responsabilidade, de união, de sexo, de amizade, de convivência e todos os outros deveres, enquanto o inconsciente personológico tem a capacidade de solução para qualquer problemática existencial.

Ainda sob a ótica Ontopsicológica, a mulher não é intencionada por natureza a ser mãe, pois é sempre coordenada à solidez de autorrealização egóica, à afirmação personológica. O ter filhos é um estágio secundário e para defini-lo ato humano em sentido adulto é necessária a escolha voluntária da mulher. Intrínseco à natureza de uma mulher é ser complementar ao homem e vice-versa; o inconsciente conhece somente a complementaridade por afirmação autônoma.

É importante que a mulher entenda que o matrimônio é uma escolha entre tantas possibilidades, se ela se correlaciona a ele.

Afirma Meneghetti que, somente os filhos que crescem em um sadio egoísmo de casal serão pessoas autorrealizadas, porque a primeira educação que receberam foi aquela da alegria e de como buscá-la. Os pais modelam os filhos mais pelo modo como vivem, agem e reagem do que pelos conselhos que lhes dirigem.

Este contexto demonstra a intencionalidade consciente dos adultos se tornarem genitores, mas é preciso considerar também que os filhos reencarnam o problema de seus pais, especialmente enquanto a vida é mais maleável, até os seis anos, pois, “a família permanece a primeira estrutura que constitui a matriz-base de qualquer involução do sujeito.” (MENEGETTI, 2019, p. 177).

Observa-se que a criança até os seis meses age sempre do seu íntimo orgânico, por isso precisamos entender que o choro faz parte natural do seu crescimento. Após os

seis meses começa a capacidade de entender e compreender-se distinta e que há outras existências além dela, período importante para fundar as bases de uma sadia impostação do futuro. Trata-se de um período em que as impressões constituirão a matriz de conduta em nível psíquico e moral, no âmbito social, isto é, a capacidade de recepção e transmissão.

A compreensão de uma criança nos primeiros seis meses fluía segundo as leis biológicas na díade simbiótica da mãe, mas no período seguinte ela se aproxima de cada novidade que aparece segundo um conhecimento que indaga antes de ser visto – “Como sou, este ambiente não me quer; com este mal-estar, ele me aceita!”. A questão é, que informação está plasmando essa criança para tal informação? A solução está em ajudar a criança na decisão interna de amor, de querê-la como quer que seja na sua total liberdade, no sentido de respeito ao que ela já é.

2.2 RELAÇÃO PAIS E FILHOS

A criança até os seis anos deve encontrar somente adultos livres e em contato aberto com a vida, pois é um período em que toda a realidade é fotografada como matriz da futura evolução psicológica. A confidencialidade do abraço por parte do adulto em relação à criança a garante em crescimento individual e em familiaridade com as coisas da vida e da sociedade.

A palmada pedagógica deve ser usada com autoridade apenas se for indispensável para bloquear a criança de um perigo físico.

A lealdade adulta é um valor humano que deve ser marcado, pois a criança precisa compreender que ao querer os direitos dos grandes também precisa começar a saber os deveres desses grandes.

O importante é que a criança saiba que é reconhecida no seu potencial de ação real e que não pode se esconder atrás de atitudes passadas. E o adulto precisa ser honesto na sua postura para com a criança.

2.3 DÍADE

Conforme a visão Ontopsicológica díade² é um movimento a dois, no qual um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente e dessa forma é impossível deixar de existir no humano. Meneghetti (2012) complementa ainda ser uma unidade de ação que parte de dois centros, um dos quais não pode viver sem a coexistência do outro polo. Cada ser foi posto para a vida, por isso já está constituído dentro de uma força onde há uma interação entre si e os objetos mundanos. Assim sendo, estamos colocados na corrente do mundo onde já existe esta relação e por isso não se consegue eliminar. Meneghetti (2010, p. 234) afirma ainda que “toda a vida é díade, é o movimento, o proceder da vida. Cada realidade é tal e existe enquanto estabelecida por uma relação”.

A díade inicial é a relação instituída entre o adulto-mãe e o(a) filho(a), pois a criança ainda não está em condições de escolher qual adulto é o mais adequado para cuidar e tratar das suas necessidades pelo fato que ela não possui uma consciência formada. O filho depende daquele adulto de referência³ e a primeira díade é basicamente uma relação de necessidade pela sobrevivência e não tem como ser diferente. Neste momento se instala o primeiro ponto de segurança afetiva e se estabelece um tipo de comportamento naquela criança. Esta fase formará o complexo dominante, a partir da situação vivenciada na cena primária.

Para Meneghetti (2012, p.74), as pessoas são construídas segundo a forma como foram ensinadas na primeira relação. Quando adultas, repetem o mesmo modelo, fazendo seleção temática sempre com os mesmos tipos de pessoas, ambientes, amizades, a forma de conduzir os negócios e todas as demais ações sucessivas mais convenientes para aquele indivíduo. “De fato, historicamente parece que a maioria dos seres humanos permanece de algum modo ligado à díade primitiva” (MENEGHETTI, 2010, p. 236). Portanto, repetem um modelo programado aprendido na infância e permanece impossibilitado de construir o que lhe é próprio por conta de uma consciência que age em coação a repetir as primeiras relações vivenciadas. “O modo de interpretar e pensar de um sujeito pode depender de uma memória do passado que interfere e modela uma tipologia de consciência, que pode desvirtuar o conhecimento correto” (VIDOR, 2013, p. 34).

² Do grego *δύο* [díó] = dois.

³ O adulto de referência, segundo o autor, é o adulto que tem em mãos o metabolismo da criança e não necessariamente a mãe biológica.

De acordo com Meneghetti (2012, p. 74) “o ser humano aprendeu os seus modos lógicos e emotivos ao interno da primeira relação diádica. É fundamental compreender que a díade informa, estrutura não só os modos lógicos, mas também os emotivos”. O modo que a consciência irá refletir as informações do pensar e de se emocionar do sujeito será segundo quem o educou. O ser humano foi posto pela natureza de um modo e age de maneira distorcida do seu real. É importante observar que o modo de pensar precisa se apoiar no modo de ser.

Eis aqui a importância da realização existencial do adulto-mãe para que a relação educativa dos pais com os filhos nos primeiros anos de vida seja saudável de modo a desenvolver a criança à realização, a fazer e a saber a si mesma.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste estudo. Optamos pela abordagem qualitativa pois, “[...] a pesquisa na Educação, pelas abordagens qualitativas, desenvolveu-se conforme novas fundamentações teórico-epistemológicas foram sendo aplicadas nas investigações pedagógicas” (ZANETTE, 2017, p. 163). A pesquisa qualitativa foi escolhida também porque, nos permite identificar elementos peculiares que apenas podem ser capturados quando o pesquisador se coloca em uma investigação em profundidade, levantando aspectos essenciais da relação educativa, as quais, em uma pesquisa quantitativa tais nuances poderiam permanecer ocultas. Conforme os autores, são características das pesquisas qualitativas:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. [...]
2. A investigação qualitativa é descritiva. [...]
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. [...]
4. os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. [...]
5. O significado é de grande importância na abordagem qualitativa. (BOGDAN e BICKLEN, 1994, p. 47-50).

Seguindo estas características expressas pelos autores construímos nossa investigação. Ainda que tenha a sua especificidade de planejamento e desenvolvimento, conforme Minayo (2012, p. 626) “a análise qualitativa de um objeto de investigação concretiza a possibilidade de construção de conhecimento e possui todos os requisitos e instrumentos para ser considerada e valorizada como um construto científico”. Nesta mesma direção, Demo (2003) acrescenta que a pesquisa em educação além do princípio científico, possui o princípio educativo. Isto é, ela tem a finalidade formativa de desenvolvimento do pesquisador. E, portanto, foi a partir desta compreensão que esta pesquisa foi desenvolvida.

3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista, semiestruturada, elaborada com a finalidade de colher informações que atendessem aos objetivos definidos nesta pesquisa.

Para Zanette

A entrevista é um mecanismo que favorece a aproximação do sujeito para recolher, de modo discursivo, o que ele pensa sobre um determinado fato. Ao falar sobre uma questão, já se coloca em evidência a própria questão para si, enquanto o sujeito fala, ele ouve o que diz. Ao falar para alguém, escuta-se o que é dito. Esse dispositivo proporciona com que os sons das palavras façam eco para o próprio sujeito que fala e, também, para o outro que as ouve. (ZANETTE, 2017, p. 163).

Continua o autor, a entrevista

[...] pode atender satisfatoriamente por permitir a obtenção das informações contextualizadas, mesmo que estas não estejam explícitas nas argumentações das entrevistadas. Por serem dotadas de um estilo especialmente aberto, deve-se utilizar questão semiestruturas. Esse modelo também permite ao entrevistador solicitar ao agente entrevistado que explique o significado do que estava sendo dito no ato da fala. Para o entrevistador, a entrevista proporciona uma oportunidade de esclarecimento dos dizeres sobre o objeto investigado, possibilitando-lhe a inclusão de perguntas mais abertas, flexíveis e espontâneas conforme o que estava sendo analisado. (ZANETTE, 2017, p. 164).

Por meio deste instrumento de coleta de informações é possível trazer à luz singularidades do contexto e da realidade, as quais, dificilmente conseguiriam ser capturadas por outros instrumentos. Contudo requer um cuidado maior do pesquisador, porque, pode ocorrer que, no contexto da pesquisa, pela descontração e informalidade que pode gerar, que o pesquisador e pesquisado acabam realizando uma conversão. Porém, existe diferença em diversos aspectos entre uma conversação da vida cotidiana e uma entrevista:

a) na entrevista, a participação do entrevistado e do entrevistador conta com expectativas explícitas: um de falar e o outro de escutar; b) o entrevistador anima constantemente o entrevistado a falar, sem contradizê-lo (as resistências encontradas correntemente na conversação espontânea suprimem-se); c) aos olhos do entrevistado, o encarregado de organizar e manter a conversação é o entrevistador (isso cria em geral uma ilusão de fácil comunicação que faz parecer breves as sessões prolongadas. (GODOI e MATTOS, 2006, p. 303-304).

Os autores indicam que, dentre os três tipos principais de entrevistas qualitativas, existe “a entrevista padronizada aberta, caracterizada pelo emprego de uma lista de

perguntas ordenadas e redigidas por igual para todos os entrevistados, porém de resposta aberta” (PATTON, 1999 *apud* GODOI E MATTOS, 2006, p. 304). O roteiro de perguntas da entrevista foi elaborado em torno dos objetivos específicos definidos para a pesquisa, conforme podemos observar no quadro a seguir:

QUADRO 1 - Objetivos, Tema e Roteiro de Questões

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | TEMA | QUESTÕES |
|---|---|---|
| Compreender a influência da relação do casal na educação dos filhos | A - Relação do casal | 10. Como o nascimento do(s) filho(s), modificou a vida do casal? 11. Tem momentos só do casal por semana? 13. O que mais te irrita na tua mulher/marido em relação ao teu filho? 14. O que faz para resolver isso? 16. Quantos irmãos você tem? Dizer na ordem de nascimento 17. E seu cônjuge? Dizer na ordem de nascimento. 18. Todos são filhos do mesmo pai? 19. Trabalha onde gostariam de trabalhar ou gostaria em outro espaço? |
| Investigar a intencionalidade consciente dos adultos se tornarem genitores | B - Intencionalidade do filho | 1. Quando você pensou em ter filhos, que tipo de filho queria ter? 2. Que valores familiares você traz e quer passar a teu filho? (Ex.: dar continuidade a prole...) 6. Os filhos foram planejados? Como decidiram ter filhos? Como o casal estava vivenciando aquele momento enquanto pessoa e enquanto casal? |
| Verificar se os pais buscam conhecer como podem prover a educação de seus filhos | C - Conhecer mais sobre educar o filho (que tipo de leitura/cursos) | 4. Tem interesse ou estudou sobre o desenvolvimento da criança que acha importante para educar uma criança? O quê? Quando? Como? Por quê? 15. Já buscou ajuda/que tipo de ajuda para educar o filho e para lidar com os conflitos de relacionamento do casal ou dos filhos? 20. Acha importante ter uma assessoria breve para ajudar o filho? |
| Conhecer os valores que os pais utilizam na educação dos filhos | D - Como educa o filho (valores) | 7. Com que idade seu filho começou a dormir sozinho? 8. Com que idade tirou a mamadeira? 9. Com quem a criança brinca? |
| Confrontar se existe congruência entre os valores intencionados e praticados na educação dos filhos | E - Filho ideal/projeção de filho | 3. Quais valores você acredita serem fundamentais...? O que gostaria no filho quando for grande? 12. O que mais te irrita no teu filho? 21. Que filho você não quer? |

Fonte: Pesquisa (2021).

3.2 AMOSTRAGEM E SUJEITOS DA PESQUISA

A amostra do estudo foi constituída por sete pais, sendo cinco mulheres e dois homens. Todos são residentes na região central do Rio Grande do Sul. No quesito educacional, todos envolvidos no meio universitário, quatro estudantes, dois docentes⁴, um empresário, de classe média. Para a escolha dos entrevistados estabeleceu-se como critério, preferencialmente, terem filhos, de até sete anos de vida. Para favorecer a expressão mais fidedigna das informações, selecionamos aquelas pessoas com as quais já possuímos um vínculo de confiança. Por isso, o critério de seleção da amostra foi por conveniência considerando a facilidade de encontro para a realização da pesquisa, realizada face a face, tendo em vista os protocolos sanitários definidos na situação da pandemia - COVID19.

Conforme Godoi e Mattos (2006) a investigação qualitativa, por vezes é desconfortável ao pesquisador uma vez que demanda decisões que implicam a sua responsabilidade em definir: com quem, com quantas pessoas, quantas vezes entrevistar, por quanto tempo. Para participar da pesquisa todos assinaram o Termo de Consentimento livre esclarecido. Houve um horário e local, em comum acordo, para a realização das entrevistas. Mediante a permissão de participar livremente da pesquisa, foi realizada a gravação das entrevistas. E, para resguardar as identidades dos entrevistados, definimos nomeá-los com pai número um (P1) e assim consecutivamente P2, P3, P4, P5, P6 e P7.

A primeira pessoa participante, P1, tem 45 anos de idade, separada, estudante, com três filhos. Seu primogênito está com 25, a primogênita com 18 e o secundogênito com 6. A participante P2, tem 21 anos, é estudante, vive em união estável e tem uma filha única com menos de seis meses. P3, homem, 40 anos, casado, com uma filha única de 2,5 anos de idade. P4, feminino, 36, união estável, tem uma filha única de 5 meses. P5, homem, 48 anos, dois filhos de 6 anos. P6, mulher, 37 anos, 1 filho com 7 anos. P7, feminino, casada, 2 filhos com 6 anos.

As entrevistas duraram, em média, 20 minutos, considerando a disponibilidade de horário dos envolvidos. E, também de comum acordo, foi escolhido um ambiente que permitisse aos entrevistados sentirem-se confortáveis.

⁴ ambos estudando atualmente.

Por genitura, segundo a ótica ontopsicológica, considera-se a ordem de nascimento somente segundo a identidade do sexo, que pode determinar, em parte, características e modelos de comportamento e de personalidade. Sabedores disso, é possível identificar nos casais o seu estereótipo dominante (MENEGETTI, 2014, p. 135). O autor caracteriza esta tipologia enquanto primogênito, segundogênito, benjamim, filho único e, gêmeos.

Nas entrevistas realizadas constatamos que P1, P4, P5, P6 e P7 são primogênitos. A literatura mencionada apresenta que primogênito é levado espontaneamente a comandar, a proteger os outros e desenvolve características de prepotência, generosidade e ingenuidade, entre outras.

Observamos, também, que P4 e P5 além de primogênitos também são casados com primogênitos. P1 é casado com benjamim. P6 e P7 são casados com segundogênito.

P2 e P3 são segundogênitos, cuja característica, segundo a literatura, é sempre do contra, muito crítico, porque nascendo segundo sempre se sente descartado na família e seu caminho vencedor é uma direção diferente do primogênito. Observa-se, ainda, que P3 é casada com outro segundogênito.

O benjamin tem diante de si os outros dois irmãos, e procura fazer-se amar por todos. Ao consolidar-se na arte de fazer-se amar, constrói um caminho por conta própria, vence na vida porque entendeu entre os grandes a achar o seu caminho. O filho único depende substancialmente de como a mãe o imposta, é a mãe que pode alimentar a grandeza deste filho único, porque é difícil que ele sozinho possa construí-la.

Os gêmeos têm uma psicologia específica, onde nasce com a necessidade de constantemente dividir o espaço, e em seguida cresce junto ao outro. O fato de serem diferentes de todos os outros, os força a se unirem cada vez mais como defesas recíprocas.

Nas entrevistas não foi constatado, enquanto casal, as tipologias benjamin e gêmeos.

Uma vez sendo, estas tipologias, conhecidas pelos pais, (e educadores) podem possibilitar ações em antecipação de problemas, conflitos interpessoais e até de insucessos em resultados.

O fato de um educador também ter este conhecimento proporcionará grandes resultados, haja vista que, atuando com estudantes e/ou pais com as tipologias antes apresentadas, auxiliará na percepção e formação coesa, capaz de superar os desafios.

Um fato importante é compreender que “[...] a genitura é um estereótipo que deve ser superado, pois cada indivíduo que é coincidência com o próprio Em Si ôntico, é um benjamin da vida.” (MENEGHETTI, 2014c, p. 140).

No contexto relação pais e filhos abordar a psicologia da genitura refere-se à importância que a forma de se relacionar, o caráter e a habilidade de negociação, dependem do espaço de ação ocupado na infância, durante os primeiros anos de vida.

O paradigma das relações sociais é aprendido através das relações com quem a criança mantém preferências afetivas e de quem recebe gratificações ou inibições (MOLL, 2006).

Estudando estas diversas tipologias podemos realizar abordagens de uma forma mais adequada a personalidade da criança e a do próprio partner, facilitando assim a comunicação, a negociação e a tomada de decisão. Ao mesmo tempo, podemos saber e prever qual seria a tendência de comportamento de cada filho na relação com os irmãos ou pares, sobretudo no modelo de gerenciamento que adotará na medida em que assumir uma atividade profissional.

A psicologia da genitura pode ser usada como mais uma referência importante no processo de abordagem educacional, pois pode fornecer uma melhor compreensão das tendências de comportamento e das interações estabelecidas entre os envolvidos, facilitar a comunicação e auxiliar na resolução de impasses, tão comuns entre os irmãos.

Quadro 2 - Características dos Pesquisados

| | GE | irmãos | pai | Genitura Cônjuge | irmãos | pai |
|----|---------------|-------------------------------------|------------|-----------------------------|---|--|
| P1 | primogênita | 1 irmã (mãe) | única | benjamin | 5 | -x-x-x- |
| P2 | segundogênita | 1 irmã 28 eu 1 irmão 9 | mesmo | primogênito | 1 irmã cônjuge 1 irmã | diferentes |
| P3 | segundogênito | 1 irmão eu 1 irmão 1 irmão | mesmo | segundogênita | 1 irmão 1 irmã cônjuge | mesmo |
| P4 | primogênita | eu 1 irmã | mesmo | primogênito | 1 irmã cônjuge 1 irmã | mesmo |
| P5 | primogênita | 1 irmão eu | mesmo | primogênito | cônjuge 1 irmão | memo |
| P6 | primogênita | eu 1 irmão (mãe) | 2 irmãos | segundogênito | 1 irmão cônjuge 1 irmão 1 irmã 1 irmã | diferentes Obs: sobre o casal: P6: tem 1 filho c/cônjuge: O cônjuge tinha 2 filhos antes de conhecer P6. |
| P7 | primogênita | 1 | | segundogênito | 1 irmão cônjuge | mesmo pai. |

Fonte: Pesquisa (2021).

3.3 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas conforme o roteiro de questões elaborado especificamente para esta pesquisa. Após serem transcritas, organizamos as informações, colocando em um quadro, as respostas de cada entrevistado em cada questão respondida.

Para realizar a análise de dados, optamos pela técnica de análise de conteúdo, delineada por Bardin (2000), a qual, consideramos adequada para o tratamento das informações coletadas por meio das entrevistas. A autora compreende que o pesquisador deve realizar o movimento do desvelar criterioso e crítico do trabalho analítico. Inicialmente é preciso realizar a organização dos dados por meio da codificação e

inferência. A fase inicial a autora denomina de pré análise, na qual, existe o processo de revisar, ler e interpretar os dados que emergiram nas entrevistas. A partir desta primeira forma de organização do material coletado nas entrevistas, procedemos a leitura atenta e a partir desta, começamos a identificar as regularidades e especificidades no conteúdo das entrevistas. Esta primeira etapa é importante para posteriormente, na etapa seguinte, efetuar o agrupamento e as classificações, que podem ser por meio de diversificadas formas, nós escolhemos as temáticas que dão a proximidade entre as informações. Seguida desta fase, a terceira consiste em estabelecer as relações com os fundamentos e assim responder aos objetivos delineados de pesquisa. Consideramos a interpretação dos dados, a qual, considera a complexidade do contexto das variáveis da pesquisa qualitativa. A partir destes elementos, as informações passaram a ser aglutinadas, atribuindo às mesmas um significado e em seguida, elaborando as conexões e considerações a partir dos pressupostos teóricos da pesquisa.

4 A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

A proposta deste tópico consiste em compreender como a família influencia a educação da criança nos seus primeiros anos de vida. Para tanto, estudamos alguns elementos que podem remeter a verificar os pressupostos para a vida educativa dos filhos. Para ter um filho é importante sentir-se realizada enquanto pessoa, pois somente a partir de si se é capaz de gerar, acompanhar cotidianamente a criança de forma a consentir-lhe o desabrochar como uma semente colocada na terra. Por que influencia na educação da criança ter uma relação sadia como casal? Porque o partner também é um ser humano com suas habilidades e competências a serem descobertas e aprimoradas.

Um casal que consegue administrar sua vida de forma sadia, permitindo-se momentos individuais e como parceiros, de lazer, com atividade profissional aprazível, será capaz de viver de forma evolutiva.

Para materializar esta proposta, enquanto pesquisadora, a compreensão do que é ser um casal, preciso saber e vivenciar o que é criança, como acontece seu desenvolvimento, quando e quanto influenciou o seu cotidiano, o papel da genitora, os valores que acredito serem importantes e necessários para se viver em harmonia. Para refletir e, principalmente vivenciar estes elementos, vejo importante e significativo estudar o que diz a literatura e o que pais e mães pensam e/ou sabem a respeito dessas questões.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) nos apresenta quatro pilares educacionais, quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser, itens fundamentais para a vivência em sociedade. E aqui lembramos que a família é o primeiro ambiente social da criança.

Entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) promovidos pela ONU temos educação de qualidade para garantir um futuro melhor para a humanidade. E, nesta direção, pretendemos acrescer com a pesquisa sobre a relação pais e filhos e o papel do pedagogo na trajetória educacional. Precisamos, também, compreender o que é ou quem é o homem, este ser irresoluto caminhando em busca do significado de sua existência. Neste sentido a etimologia de algumas palavras traz a história, conseqüentemente o que e como o homem age durante a vida. Assim escolhemos as

palavras humanidade, homem, família, ambiente para respaldar a proposta de investigação. Por humanidade, segundo o dicionário online, etimologicamente do latim “humanitas, atis”, tem o sentido de condição da essência do ser humano. O Homem, de acordo com Meneghetti:

Unidade de ação histórico-espiritual constituída por um projeto ôntico⁵ em acontecimento terrestre, com faculdades ou funções inteligentes, racionais, emocionais, biológicas [...] O homem, como atitude inseminativa, e a mulher, com atitude incubadora. Ambos complementares, indispensáveis e de igual importância. (MENEGHETTI, 2014, p. 122).

A complementaridade de homem-mulher forma a família que, de acordo com Meneghetti,

família do Latim famulus = que serve, lugar em função de. Convivência de duas ou mais pessoas de sexo complementar em função do desenvolvimento da prole. Constitui-se pelo fato natural de uma fêmea com filhos. (MENEGHETTI, 2012, p. 114). Outra concepção de Meneghetti é qualquer grupo que constitui a zona de referência, como primeiro ambiente do sujeito paciente. (MENEGHETTI, 2015a, p. 37).

Assim trazemos o termo ambiente, por representar a terra que favorece o desenvolvimento da semente

Latim ambitus entis = o cerco ou espaço daquele ente...Espaço territorial ou mental de uma individuação, de uma relação ou de uma asserção dinâmica. Espaço de interação de um sujeito: essa interação pode reforçar ou desagregar seja o sujeito que as suas relações. (MENEGHETTI, 2012, p. 21)

A compreensão destes significados traz o elo com o desenvolvimento da vida das crianças em seus primeiros anos de vida que, nutrida corretamente, conduz a existência de seres humanos sadios e evoluídos. A nossa pesquisa remete à compreensão do significado de criança. Para Meneghetti

A criança, por direito de natureza, é um indivíduo titulado ao ingresso societário (sociedade de fato ou de direito). Isso se constitui sem dúvida do momento em que biologicamente é indivíduo autônomo. Em substância isso é certo desde a expulsão do feto com o corte umbilical. (MENEGHETTI, 2014).

⁵ "Ôntico: o que constitui o princípio para qualquer possibilidade ou fato de existir". (MENEGHETTI, 2014, p. 188).

O elo entre estes termos auxilia a elucidar como deve ser a relação educativa dos pais com os filhos. Pois o casal, constitui o ambiente que educa um modelo de homem que determina os passos da humanidade. Estes passos serão úteis e funcionais se o ser humano é e vive uma relação sadia com o todo. Nesse sentido, ainda conforme Meneghetti (2014, p. 204),

dois escopos ou conhecimentos são necessários fornecer às crianças: 1) conhecimento e respeito por si mesmo, 2) conhecimento das regras (deveres) que a sociedade local e semelhante (o humanismo humano) escolheu e impõe.

Sob esta ótica trazemos a seguir o papel da relação do casal e como impacta na educação dos filhos.

4.1 RELAÇÃO DO CASAL E EDUCAÇÃO DOS FILHOS

O objetivo deste ponto é discutir como os pais pesquisados vivenciam a relação de casal, como tal relação impacta na educação dos filhos. Meneghetti entende a relação de casal. De acordo com Vidor

A inter-relação do casal precisa ser considerada ao se discorrer sobre a educação dos filhos, pois é a partir dos genitores que a criança assimila mentalmente um modelo de viver, agir e reagir. A dinâmica inconsciente atua antes que a decisão consciente se manifeste (VIDOR, 2014, p. 9).

Neste sentido é importante considerar: - Como o nascimento do(s) filho(s), modificou a vida do casal, - Se o casal tem momentos a sós semanalmente, - o que mais irrita cada partner em relação ao filho e qual solução é proposta para resolver o conflito, - Refletir sobre a genitura do casal e dos filhos enquanto primogênitos, segundogênitos, benjamim, gêmeos, uterinos, sanguíneos ou consanguíneos, - E, se há satisfação profissional.

As respostas desses elementos podem proporcionar, tanto aos pais quanto aos educadores, qual postura tomar para que a educação perpassasse por todos os envolvidos. Eis a ligação com a nossa pesquisa. (MENEGETTI, 2010, p. 11)

Dada uma situação, determina-se um só ponto ótimo que a resolve e, colher constantemente este ponto é o máximo da inteligência. Consentida a aprendizagem do ponto ótimo e a realização interna e externa a cada indivíduo, então determina-se, também, uma humanidade maravilhosa.

A primeira questão levantada refere-se à realização pessoal, por isso o saber se cada um dos cônjuges trabalha onde gostaria. Dos cinco entrevistados, P1 e P2 revelam que, no momento, não estão trabalhando, contudo, P1 iniciou outro curso superior. P4 e P3 trabalham. P3 respondeu que trabalha em duas instituições, sendo uma pública (dois locais) e outra privada.

Dentre os pesquisados, P5 foi o único que demonstrou convicção em gostar do trabalho que faz, “Eu trabalho sim onde eu gostaria de trabalhar! Adoro o que eu faço!” (Entrevista P5). P1 relata que, no momento, saiu do trabalho que exercia e que gostava porque percebeu que poderia realizar muito mais em seu trabalho, iniciando um novo curso superior para poder ampliar sua atuação profissional. “Eu comecei a ver ali que o meu trabalho era limitado, e aí eu comecei a buscar uma outra faculdade onde eu posso pegar a pessoa desde início. Tratar a causa da doença, não só a doença. Não ser somente o paliativo, ir lá na causa!” (Entrevista P1).

P3 percebe que tem mais satisfação em uma das instituições que trabalha do que em outra, segundo ele

Eu trabalho em dois ambientes: um que eu gosto muito que é a faculdade e acredito que seja um ambiente que fomente o desenvolvimento pessoal, profissional. E isso é muito importante. E, por outro lado, trabalho também em escolas públicas e aí há algo que, às vezes, me dá um pouco de insatisfação pelo resultado, de você trabalhar e não ver muito resultado naquilo que você está fazendo. Mas vamos ver se ... até quando dá para conciliar! (Entrevista P1).

No caso deste entrevistado, nem sempre se encontra satisfeito em relação ao exercício de sua profissão, contudo, percebemos que se mantém aberto para mudanças. Além disso, por vezes a dificuldade encontrada nos contextos profissionais podem tornar-se negativos, e isso poderá lhes estimular para transformar o seu modo de agir, pois, a dificuldade pode ser uma oportunidade para crescimento na carreira.

O genitor P4, respondeu que trabalha onde gosta, informou que "Sim, trabalho onde eu gostaria de trabalhar, mas claro a gente sempre tenta buscar mais espaço em projetos pessoais que possam ter maior amplitude do seu próprio projeto de natureza" (Entrevista P4). Os dados dos entrevistados P1, P2, P3 e P4 indicam que, embora, por

um lado estejam satisfeitos, por outro, revelam a necessidade de crescimento em relação à situação profissional atual.

Os genitores P5, P6 e P7 expressaram gostar muito do que fazem. P6 retoma que, em sua experiência profissional, gosta do fato de trabalhar com pessoas e, principalmente, em grupos. Atualmente, estuda Ontopsicologia para agregar valor ao seu trabalho.

A retomada dessas colocações remete a Meneghetti (2013) que afirma: “Quando a pessoa ama o próprio trabalho, aquilo que escolhe, há uma evidência de sucesso, pois ela distribui um pouco desse amor e as outras pessoas se sentem parte dessa grande festa”.

Segundo Vidor “primeiramente vivemos a vida, e só num segundo momento a compreendemos. Os pais modelam os filhos mais pelo modo como vivem, agem e reagem do que pelos conselhos que lhes dirigem.” (VIDOR, 2014, p. 9). Podemos afirmar que, uma vez sendo os pais amplificadores, sua realização profissional contagia imperceptivelmente os filhos. Pessoas realizadas emanam vitalidade, fazem tudo segundo sua ambição e agregam valor a si e àqueles à sua volta. A criança assimilará este modelo paterno, haja vista a relação afetiva que os une como família.

A mesma afirmação pode ser inferida no contexto educacional, pois sendo o educador uma pessoa realizada, certamente proporcionará uma leitura de valor pelo conhecimento. O que nos dá prazer e gera vida é como um alimento que sustenta a caminhada pessoal e, conseqüentemente a coletiva! Por isso, buscamos investigar também como a vida do casal está organizada e como essa possui relação com a educação dos filhos. Em uma das questões os pais foram instigados a responder se o casal possui momentos a sós semanalmente. O entrevistado P1 é separado e P2 teve uma gravidez acidental e o casal ainda não conversou sobre terem momentos a sós, após o nascimento da criança.

Não foi conversado sobre isso enquanto casal, mas enquanto mãe preservará a convivência enquanto casal em espaço diferenciado do da criança, pois é uma energia que passa para a criança. (Se deixa a criança com outrem para saída de casal?) ...Claro dependendo da ocasião...Sei que o casal precisa ter sua particularidade, mas a partir de agora “a gente é uma família” então tem certas coisas que a gente precisa rever (Entrevista P2).

O exemplo de P2 traz à tona a importância de o relacionamento estar fundado no diálogo, pois este proporcionará solidez ao processo educacional dos filhos. O mesmo

diálogo que o educador escolar deverá manter com as crianças quando da presença delas no ambiente de ensino. O diálogo, entre os pais, fortalece a capacidade de liderança da criança que, além de desenvolver a habilidade de falar e ouvir, evidencia como a solução de problemas pode ser resolvida de forma sadia.

P3 justifica não terem o momento a sós por estarem 24h com a criança, por causa da Covid-19. P4 relata “temos momentos só do casal praticamente todas as noites, porque o bebê dorme mais ou menos pelas 20h”. P5 consegue momentos a sós apenas se conseguirem “dar uma fugida!”. P6 se dá o direito de sair, eventualmente, para jantar fora. P7 afirma, que o casal tenta, embora seja um pouco difícil.

Entretanto, mesmo com os motivos expressos, nenhum dos entrevistados tem o seu momento casal especificamente. A necessidade do afeto é um aspecto importante para o casal, pois conforme Vidor (2014, p. 9) “A história vivida pelos pais deixa seus traços no interior dos filhos”. Portanto, que compreensão ficará implícita aos filhos quando constatarem a incongruência entre a realização profissional dos pais, que contagia e proporciona vitalidade, versus casal que não tem tempo para si? E aqui é de se lançar a pergunta: se uma casa não tem a sua base sólida, onde encontrará forças quando soprarem ventos contrários?

É possível uma rachadura na estrutura familiar, talvez até velada, pois em algum momento poderá eclodir! E de que forma? Talvez pela chantagem emocional dos filhos exigindo a atenção de um ou de outro pai, ou por ficar mais tempo no ambiente profissional (que antes era sagrado) ou por perceber outra pessoa que lhe parecerá mais interessante e se justificará dizendo “é só hoje para descontrair!”. O sinal de alerta foi ligado! Agora, enquanto há tempo, é momento de parar, conversar, sair para divertir-se, enfim encontrar uma situação, um momento que os faça descontrair e sair do modo automático da rotina com os filhos.

Esta analogia é pertinente para qualquer situação, por mínima que seja, pela possibilidade de o casal não ter o seu momento a sós, provocar stress e desabamento da estrutura relacional entre os genitores. Segundo Meneghetti (2013, p. 143) “Do intrínseco valor de si mesmos sabem depois criar abundância também para o contexto em que operam. Dessa centralidade de liderismo interior, se desenvolve produção, crescimento, evolução em vantagem de quem está em torno.” Quando se dispõe a ter o seu momento de lazer, enquanto casal, há o prazer de alimentar o próprio ser, o seu espaço com o outro, desfrutar do que se chama miricismo cotidiano, isto é, proporcionar que as pequenas coisas do dia a dia se tornem significativas. Estar juntos, sem os filhos,

dá ao casal a oportunidade de fortalecer seu vínculo afetivo e, conseqüentemente, familiar. Por isso é importante que não deixem a rotina tomar conta de suas vidas justificando falta de tempo pelo trabalho, pelos filhos, por isso ou aquilo. É preciso consentir-se oportunidade de vantagem.

O nascimento dos filhos modifica a vida do casal, pois altera sua rotina e a dinâmica do funcionamento da vida a dois (considerando aspectos financeiros, emocionais, espaciais etc.). Tudo é novo, exige assumir novos papéis entre o próprio casal, além da expectativa de serem bons pais/mães.

Ao realizar a pesquisa sobre como o nascimento dos filhos modificou a vida do casal, P1 relatou que, por atuar em dois ambientes profissionais, era quase impossível uma rotina familiar e, houve “auxílio da família no período inicial em função do trabalho de meu parceiro”. Atualmente separado, P1 administra sozinho e esclareceu que exercia sua atividade profissional em dois espaços diferentes, de modo que a criança ficava aos cuidados do cônjuge. Trabalhava parte da noite e metade do dia e a exigência psicológica diária, segundo o entendimento de P1, não havia tempo para uma vida de casal. No entanto, não acredita que esta situação tenha abalado o relacionamento com seus filhos.

Quanto ao P2, é possível retornar às colocações sobre relacionamento do casal, explicitado anteriormente. P2, quando da entrevista, estava em final de gestação, no entanto, manifestou que esta condição altera seu equilíbrio hormonal e provoca irritabilidade em momentos aleatórios. P3 expressou ter havido aumento de estresse, em função dos preparativos para a chegada da criança, pois tiveram que trabalhar bastante.

Nós quando consideramos ter filhos... nós morávamos em um apartamento pequeno, pensamos também em construir uma casa para ter mais espaço para o desenvolvimento da criança...foi tudo ao mesmo tempo...tivemos que trabalhar bastante...Aumenta o trabalho, aumenta o estresse...Então, lógico que isso afeta a vida do casal, mas estamos com o mesmo objetivo, então isso é muito importante para seguirmos em frente. (Entrevista P3).

P3, P4 e P5 têm em comum o fato de sua vida ter sido completamente modificada em função de demandas estruturais quanto à moradia, trabalho, stress e entrada de outras pessoas na casa para ajudar no cuidado às crianças, mas também na complementaridade de casal. “[...] Exige um esforço mental e físico (Entrevista P4).

P4 disse que a mudança foi quase de 180° devido ao esforço mental e físico que exige serenidade e harmonia para poder conduzir todos os desafios do início da

maternidade. P5 afirmou ter sido de 100%, pois além de as crianças terem tido problemas alimentares, houve a entrada de outras pessoas na casa como a babá, por exemplo: “[...] entrou muita gente para dentro de casa, babá e tudo mais (Entrevista P5).

P6 afirma que mudou bastante, mas para melhor em função da família “[...] na verdade completou muito que a gente tinha assim, de relacionamento” (Entrevista P6). P7 afirma ter sido de 100%, pois estavam acostumados apenas como casal e a movimentação na casa aumentou. “[...] total falta de privacidade.” (Entrevista P7)

O pano de fundo do contexto do casal a partir do nascimento dos filhos, envolve o ambiente considerado enquanto espaço territorial e mental de individuação dos adultos e da criança. Em outras palavras, o filho é uma nova semente que, lançada à terra, tem sua própria identidade. E, ao contatar com o ecossistema familiar, interage, metaboliza e co-envolve o que está à sua volta até germinar e conquistar a sua autonomia. Tanto a semente quanto o ser humano é um projeto de vida, logo é fundamental para a nova vida o ambiente familiar lhe prover o contexto adequado para o seu crescimento e evolução (MENEGETTI, 2014).

Percebemos a necessidade de os pais, para educar, compreender a criança, principalmente pelo fluir gratuito das leis biológicas na díade simbiótica com a mãe. A relação de dependência da criança com a mãe na etapa muito inicial da vida deixará de ser saudável se perdurar à medida que o filho cresce e deixa de ser bebê.

Daí porque, a importância essencial dos adultos, especialmente daqueles que assumem o papel de adulto-mãe. Meneghetti (2014c) entende por adulto mãe, três funções:

Quando digo “*adulto-mãe*” entendo particularmente três funções: a) *o genitor de maior referência* na expressão de necessidade da criança, entendida no seu concretismo de indivíduo; b) a *dinâmica inconsciente* que informa a modalidade de referência à criança por parte do genitor adulto; c) *a tipologia do conjunto circunstante* (o outro genitor, filhos, irmãos, parentes, patrões, empregados, política, religião, costume, amigos, inimigos, vizinhança, distantes, vestir, alimentos, clima, o contor. - mobília, as alegrias, as esperanças, as dores, as apreensões, os afetos, o jogo, os litígios etc.), é absorvida segundo o ângulo experiencial do adulto-mãe, isto é, o ponto de perspectiva sempre é feito e fornecido pela mãe. Através destas três funções começa e se plasma a modalidade egóica da criança. Qualquer imagem (mesmo aquela do espelho de Lacan) sempre é refletida segundo a incidência materna. (MENEGETTI, 2014c, p. 119).

A importância do educador neste momento, adulto-mãe, sejam pais ou qualquer outro adulto referência, é o de criar um ambiente cultural e social favorável para a

educação responsável, pelo protagonismo na vida, para consentir a realização pessoal da criança. E aqui, é importante ter presente a dinâmica inconsciente que perpassa nos pais, uma vez que os filhos vão se tornar um prolongamento dos seus genitores. “Os pais assimilam os problemas do contexto social e contagiam, imperceptivelmente, os filhos com eles.” (VIDOR, 2014, p. 9). Para conhecer o critério que distingue o que é e o que não é conforme para cada sujeito, é preciso sempre olhar para dentro, e então colhe-se o real, conforme o ser. Por isso, os adultos, que possuem a tarefa de educar este novo ser, devem considerar o seu critério de natureza, ou o seu projeto semente ou Em Si ôntico.

Entende-se por Em Si ôntico o critério de natureza, o projeto que constitui o ser humano e é sempre sadio, vencedor, portanto não há doenças, complexos, nem distorções, pois estas são consequência de uma escolha errada do ser humano. O Em Si Ôntico possui quinze fenomenologias e, dentre elas, é importante estar atento pelo menos a três: identidade (ESO), utilitarismo e funcionalidade⁶. Para Meneghetti (2010, p. 136), “O homem escolhe, com base na sua identidade, o que é útil para a funcionalidade da sua individualidade histórica”. O casal precisa ter presente que cada partner tem o próprio critério de natureza, que a vida a dois deve ser útil e funcional à sua evolução e, assim vivendo, coadjuvam seu filho à realização.

Na entrevista, buscamos levantar os impactos negativos (irritação) que o partner provoca na relação com o filho, em situações cotidianas, e como ocorre a gestão desses momentos de desconforto. Analisando as respostas dos entrevistados sobre a irritabilidade provocada pelo partner em relação ao filho, P1 por ser separado, administra sozinho a relação com o filho. P2, expressa que, por estar grávida, são os hormônios que a deixam irritada. P3 externa que precisa ser cuidadoso com o que se fala na frente ou próximo a criança que está sempre atenta a tudo. P4, indica lapsos de paciência. P5 expõe a permissividade do partner, no início. À P6 desagrada a imposição brava do cônjuge. P7 diz que agora o casal já se entende melhor.

As respostas trazidas pelos pais indicam que, no contexto das relações entre os cônjuges com os filhos, há situações que evidenciam a não concordância com a postura do outro. Esta é uma circunstância comum nos relacionamentos interpessoais e,

⁶ **Identidade** = “o que o ser é aqui, assim e agora. É a forma que especifica em si o objeto ou indivíduo e o distingue de qualquer outro”. MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014. p. 130.

Funcional (idade): “Ação com escopo para o outro. Comportamento ou realização em vantagem não para a ação ou coisa em si, mas em sustento e referência a um escopo”. Ex.: a estrada é funcional àquele que caminha, à cidade etc. MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014. p. 121.

sobretudo, em como conduzir a educação dos filhos. Além disso, quando nascem os filhos, a vida familiar é alterada com a presença de terceiros (babás, familiares etc.) e, tais conflitos podem ser acentuados.

Por relacionamento intrapessoal concebemos o tipo de relação que é estabelecida consigo mesmo e com os próprios sentimentos e aspirações. É o miricismo cotidiano que permeia nossa vida pessoal e profissional. Quanto mais a pessoa se conhece, maiores são as suas chances de conquistar a felicidade em todos os aspectos da vida.

[...] às vezes ele se impõe com muita [...] com muita força, mas sem dar muita explicação. Eu não gosto! Eu acho que não é por aí! Mas eu não falo nada na frente da criança, eu converso com ele depois e digo que não me agradou! Mas ele se impõe de uma maneira braba que não agrega! Não vejo que agrega. Poderia ser feito de maneira diferente, não é o que, é o como [...] (Entrevista P5)

Com esses elementos em mãos é possível constatar o que e o porquê do partner provocar irritação em relação ao filho, o que faz para solucionar o episódio, o quanto dispõe-se, organiza-se e proporciona alimentar a própria alma.

Buscar a alma significa encontrar o significado e, portanto, *o valor de si mesmo aqui e agora*. Não é o valor de Deus, da vida, do mundo, dos outros: é *o próprio* valor, a importância da *própria* individualidade, o significado único de si mesmo na vida. Portanto, entender o valor desta unicidade de si mesmo. (MENEGHETTI, 2010, p. 24).

O importante neste contexto de relacionamento é compreender como ocorre a gestão destas situações. Todos os entrevistados revelaram que procuram resolver os senões. P1 conta até três e, se não resolver, dá uma pausa. P2 se sente ainda imaturo e cada um vai para um lado, mas que a solução está no diálogo. P3 diz que o casal conversa trazendo presente a relação com a criança. P4 informa que, às vezes, é necessário dialogar posteriormente e certas coisas necessitam ser alinhadas ao longo da própria criação do bebê. P5 externa que conversa, P6 conversa mais tarde. P7 declara que já conseguem resolver agora.

Por relacionamento interpessoal consideramos o ambiente, o eu e o outro, porque para desenvolver a habilidade de se relacionar é necessário entender o que o ambiente nos exige e oferece, quais as nossas reações frente às situações, observar e entender o outro – seus comportamentos, motivações, estilos de comunicação e assim por diante. É possível sintetizar isso com “ler o outro a partir de si mesmo”.

4.2 INTENCIONALIDADE DE SER PAIS E ASSESSORIA

Quando um filho é desejado, pensado, pode haver um objetivo implícito de realização pessoal. Sob esta ótica, foram realizados os questionamentos sobre o planejamento ou não dos filhos e como o casal estava vivenciando aquele momento enquanto pessoa e enquanto casal. Buscamos investigar o sentido de o casal querer filhos, tendo presente sua intencionalidade, se isso os complementaria como pessoa ou, se a razão oculta estará em proporcionar à criança o que não tiveram durante a própria infância. As perguntas remetem à reflexão sobre a dinâmica consciente por opção do recorte desta pesquisa, contudo, consideramos também importante a dinâmica da intencionalidade, mas pelos limites deste trabalho, não vamos explorá-la. Para Meneghetti, intencionalidade significa “[...] A direção na qual a ação se homologa e se configura de per si no interior de um contexto.” (MENEGETTI, 2012, p. 140). Isso significa que, nossa pesquisa, considera a razão consciente fornecida pelos pais. Conforme o autor, na verdade, todos os casais deveriam ter presente ao projetar ter seus filhos que:

[...] é indispensável saber se a união do casal não está baseada numa relação que alimenta e reforça problemas recíprocos. Ser complementar ao homem é exigência íntima da natureza da mulher e igualmente do homem [...] (MENEGETTI, 2014b, p. 8)

A citação acima expressa a importância de se pautar as escolhas de modo a uma vida sadia enquanto pessoa, enquanto casal. A decisão da paternidade infere evolução pessoal e não simplesmente da espécie. Pessoas realizadas, aqui trazendo o casal, proporcionam crescimento a si e ao filho que desejam. Consequentemente, as escolhas sadias contribuem para uma sociedade sadia.

Quando questionados sobre o planejamento dos filhos, P1 e P5 responderam afirmativamente. P1 “sempre foram muito desejados” e P5 “Sim! Na verdade, a gente imaginava ter um só, né!...”. P2, P3, P4, P6 e P7 já não expressam a mesma convicção. P2 indica “[...] não foi nada planejado [...]”, P3 “[...] não digo que foi planejado em detalhes, mas nós nos abrimos à oportunidade [...]”. Continua

Nós estamos juntos já há um bom tempo e trabalhamos muito. A minha esposa fez toda uma graduação durante o nosso relacionamento e só depois disso a gente foi pensar em ter filhos... mas foi algo bem tranquilo, não digo que foi planejado em detalhes, mas nós nos abrimos a oportunidade...ela parou de tomar o medicamento...e a gente ficou aberto a oportunidade e deu certo (Entrevista P3).

Nessa resposta percebemos que o egoísmo sadio do casal esteve em primeiro lugar. Antes de planejar os filhos, o casal pensou em realizar os projetos que, se deixasse para depois, possivelmente, poderiam dificultar a chegada dos filhos. P4 manifesta, “Não era exatamente planejado, mas tava decidido termos filhos logo depois do casamento [...]”. Acrescenta ainda que,

Não era exatamente planejado, mas tava decidido termos filho logo depois do casamento. E estávamos vivendo um momento estável, né, e apenas com um cachorro e que nós tínhamos abertura e espaço, estabilidade para gerar filhos e se dispor é isso. Essa missão! (Entrevista P3).

Este entrevistado traz o elemento da estabilidade. A condição de segurança é um fator que influencia o contexto que recebe a criança, assim como, da mulher e por extensão a vida afetiva do casal e do filho. Meneghetti faz a seguinte reflexão:

Agora reflitam: uma criança crescida em um lugar onde houve sempre escassez de oxigênio, uma criança que sempre viu o semblante do pai ou da mãe e nunca o semblante fresco de outras crianças, como crescerá? Qual diferença haverá entre uma criança que vive junto de uma mãe feliz, sexual e emocionalmente satisfeita e uma criança que está próxima a uma mãe reduzida por necessidade da situação a ser frígida? Que sensibilidade se formará nelas? Todas as mães de vocês, aquelas com quem pude falar, coincidem nessa situação: são de tipo *apreensivo*, *obsessivo* e *com necessidades compensatórias*. (MENEGETTI, 2014c, p. 107).

Por isso, tanto os problemas financeiros quanto outros podem gerar necessidades compensatórias em relação à nova vida que chega, e isso pode interferir negativamente no processo de estruturação egóica da criança (MENEGETTI, 2014c). P6 “[...] Sim, o (cita o nome da criança) foi planejado, muito planejado, muito esperado [...]”. P7 “[...] sim, de certa forma sim. Acho que foi naturalmente se encaminhando, já sentia a necessidade de completar a família [...]”. As respostas poderiam remeter a um estereótipo social que praticamente impõe ao casal a obrigação de ter filhos, contudo, quando os entrevistados expressam estar abertos a oportunidade não se colocam em posição de obrigatoriedade à prole, o que pode indicar, já existir nesse momento uma

estrutura-base para alicerçar a vida de todos os envolvidos. Ainda, outros dois pesquisados expressam

[...] tivemos alguns problemas...como diz...de DNA...incompatibilidade de DNA e acabou que ... demoramos um pouco, mas deu tudo certo. Como casal? Acredito que estávamos até num vazio existencial, assim, não sabia se ia ter ou não ia ter...Acabou que optamos por tê-los e foi bem bom! (Entrevista P5).

[...] já sentia a necessidade de completar a família. Passamos por um tratamento em função de incompatibilidade imunológica e então isso deu certa maturidade. (Entrevista P7).]

Nestas entrevistas revelaram-se duas situações: uma a falta de algo em si e, a outra de incompatibilidade imunológica. Uma leitura possível, talvez fosse, de a natureza inferindo não ser o contexto propício à prole. De acordo com Meneghetti (2014, p. 25) “Somente filhos que crescem em um sadio egoísmo de casal serão pessoas autorrealizadas, porque a primeira educação que receberam foi aquela da alegria e de como buscá-la”. Portanto, um casal que busca realizar-se por meio dos filhos pode comprometer uma educação que conduza a evolução da criança conforme seu projeto de natureza.

Nesta mesma direção buscando investigar a intencionalidade dos pais ao planejar os filhos, sobre o tipo de filho que querem, quais valores familiares alicerçam o casal e a existência (ou não) de plenitude no relacionamento com seu partner. E, em relação à expectativa sobre o tipo de filhos, os entrevistados responderam:

[...] Filho saudável, cheio de vida (Entrevista P1)

[...] Educado (Entrevista P2)

[...] a gente brincava em características físicas, mas sem uma exigência (Entrevista P3)

[...] criativo, observador e curioso (Entrevista P4)

[...] pensei mais tarde [...] não me sentia preparado para ser pai [...] exatamente os que eu tenho, só que veio dobrado, melhor ainda. (Entrevista P5)

[...] ter um casal [...] um menino bem-querido, não, um menino bem sapeca [...] E uma menina bem-comportada, bem estereótipo da sociedade mulher e homem. (Entrevista P6)

[...] nunca idealizei como seriam (Entrevista P7)

O fator expectativa ou não de ter um filho remete ao tipo de educação implícita que se proporcionará à criança. Quando o filho é desejado, pensado, pode haver um objetivo implícito de realização pessoal, mas nem sempre é assim. E, se analisarmos as

respostas dos pais, percebemos que possuem grandes expectativas e valores que poderiam orientar, de modo saudável, a condução da educação dos filhos. Meneghetti (2019, Aplicativo Ontopsicologia) explicita que

O valor é qualquer coisa que produz mais ser. Traduzido no plano individual, prático, histórico, valor é qualquer comportamento ou conduta, ou modo, que atua uma função de identidade e crescimento. “De identidade” porque qualquer fazer não deve desmentir o princípio apriorístico do operante: do próprio fazer, deve ser confirmado em identidade. “De crescimento” significa: evolução qualitativa do sujeito e do contexto.

Nas entrevistas, enquanto pesquisador, procuramos levantar quais valores familiares os pais trazem e procuram passar para os seus filhos. Os pais expressaram valores como: respeito, honestidade, amor, bondade, fazer e lutar pelo que quer, educado, liberdade, trabalho, merecimento. Tais convicções, enquanto pais, inferem a elementos de realização pessoal, a corresponder ao seu Em Si ôntico, que, dentre as suas 15 características, três delas podem ser relacionadas com os valores que os pais revelaram, quais sejam: o utilitarismo-funcional, vencedor e, criativo.

A característica utilitarismo funcional, que compreende a evolução da própria identidade, pode estar implícita nos valores família (P7); justiça (P2); gratidão e saber de onde vem; ser educado (P5); liberdade (P6). A característica vencedor, por só impactar o que já lhe é próprio, pode estar nos valores respeito (P1, P2)(P5)(P6) e honestidade (P1, P3 e P7); amor (P2) e (P7); bondade (P4) e (P5); honrar pai e mãe (P1). A característica criativo, remete a uma sucessiva motivação sempre superior à antecedente e pode estar nos valores lutar pelas coisas que quer (P1); fazer o que quer para obter um lugar na existência (P4); trabalho (P7); merecimento (P7).

A relevância dessas considerações ao processo educacional, tanto para os pais quanto para a pesquisadora, infere que

[...] Existem infinitos pontos de referência que atraem, porque cada um tende ao primado de ser uma referência de valor que faz a nobre superioridade de viver. “[...]quando se fala de valores, o fim justifica os meios, se o fim é virtude, valor, nobreza como superioridade. (MENEGETTI, 2017, p. 78).

Constatamos, novamente, a importância da realização existencial enquanto pessoa, tanto de cada um dos pais, quanto do educador, pois só podemos dar aquilo que temos. As leituras provocam essa reflexão em cada etapa em que acontecem. O aspecto

educacional, relevante para a pesquisadora, tem sido exposto à medida que as respostas são analisadas. Esta pesquisadora também um dia foi criança, é fruto de uma experiência realizada ou não de seus pais. Portanto, este adulto, assim como todos os pais, precisa de um instrumento de autenticação de suas consciências, a fim de que aprendam a encontrar o caminho de sua egoicidade absoluta e a sua realização existencial. Isso porque, no papel de educadora, a pesquisadora quando se diz ou infere algo aos pais ou ao educando, está informando a sua situação de realização ou não.

Na pesquisa de campo com os pais, investigamos se estes, quando encontrarem necessidade de auxílio com seus filhos, pensam em procurar profissionais que os apoiem. Entendemos que esta postura deveria ser primordial para os genitores, para tanto, nós educadores poderíamos e deveríamos alicerçar o conhecimento teórico à realização pessoal e profissional (existencial). Apenas desta forma, estaríamos colaborando com as famílias para que o processo educacional da criança possa ser de eficiente serviço sadio e funcional. Nos colocando nesse exercício de abertura de ler o próprio interno existe a possibilidade de virar a chave, isto é, mudar para acolher o que o critério de natureza indica - ser útil e funcional a própria existência, expressando de forma evolutiva através de atitudes que agreguem valor à pessoa e ao entorno.

E, sendo questionados a respeito de procurarem auxílio profissional, os 7 entrevistados responderam a três perguntas: a) interesse por conhecer sobre o desenvolvimento da criança, b) busca de auxílio e, c) assessoria. Em relação a estas questões, manifestaram interesse em conhecer sobre o desenvolvimento da criança estudando ou lendo a respeito, e sobre o procurar assessoria responderam o que sintetizamos no quadro a seguir:

Quadro 3 - Interesse, busca e assessoria profissional

| | Tem interesse/estudou | buscou ajuda | assessoria breve |
|----|---|--|---|
| P1 | [...eu estudo muito. Inclusive eu faço faculdade, mais para entender, educar...] | Não ainda não, mas é uma coisa que estou pensando diante desse medo todo... | ...Devia ser antes de ter filhos...pais despreparados geram filhos despreparados Então seria o ápice |
| P2 | Estou estudando um pouco disso na Faculdade... É uma área bem interessante e gostaria de ter mais conhecimento.] | No momento não passou isso pela minha cabeça...Acredito que primeiro nós dois tentaríamos resolver...Não pensei nisso antes só agora com a sua pergunta... | sim!... às vezes o casal se preocupa mais do que está acontecendo com os dois do que com o bem-estar da criança... |
| P3 | [Nós pesquisamos, quer dizer, minha esposa pesquisou mais, compramos livros...ela que se dedicou nesta parte, mas um pouco eu também pesquisei e, lógico, é importante pesquisar sobre as fases de desenvolvimento.] | ... profissional não, mas nós conversamos muito com outros casais e, dessas experiências, a gente busca filtrar aquilo que é bom para nós e para nossa filha...a gente pesquisa bastante... | ...tudo aquilo que for para ajudar a gente considera! ... a gente sempre procurou o médico...fonoterapeuta... quando tem alguma coisa a gente vai falar com o profissional. |
| P4 | Tenho... estudei durante a gravidez sobre o desenvolvimento da criança... agora na fase de bebe... para a educação infantil...procuro estudar todas as teorias pedagógicas... estudar sobre o desenvolvimento infantil mês a mês. | Sim...psicoterapia convencional cognitivo comportamental e, eventualmente, consultoria de autenticação...individual. De casal não. | .. importantíssimo... e não precisa ser uma assessoria breve... tanto quanto possível...durante toda a infância e depois na adolescência... não se limite só... responsabilidade materna e paterna...deveria envolver outros... protagonistas nessa tarefa. |
| P5 | Sim, nós estudamos. A...comprou alguns livros, eu pesquisei também. É um novo mundo, então a gente tem que se preparar minimamente | Acho que não! Não buscamos ajuda. Não sentimos que precisou! | Acho! Acho sim! |
| P6 | Eu nunca estudei sobre o desenvolvimento da criança... tive estúdio fotográfico ... acompanhei muitas mães, muitos bebês, muitos partos. Eu tive isso muito presente dentro da minha vida por um período muito grande... trabalhei por 16 anos dentro do mundo fotográfico. | Não, eu nunca busquei ajuda nenhuma, mas eu acho fundamental!...bem importante as pessoas que buscam... mas depende do profissional, também! ...muitas pessoas que trabalham com profissionais que não resolvem... de forma ... rápida, vira terapia de anos, isso não combina muito comigo! | ...fundamental... exemplo, nós dentro da política, com conhecimento da Ontopsicologia... fazer um trabalho muito diferenciado com os professores...Doutores deveriam estar dando aulas para a infância... |
| P7 | Sim ... sempre que possível, sempre que não tenho certeza de | não busquei ajuda neste sentido. | |

| | | | |
|--|------------|--|--|
| | como agir. | | |
|--|------------|--|--|

Fonte: Pesquisa (2021).

Realizando a análise do quadro, chegamos a conclusão que os dados indicam três principais conclusões:

a) interesse por conhecer sobre o desenvolvimento da criança

Os dados revelam que, exceto P6, os demais pais afirmam terem estudado, de alguma forma, sobre o desenvolvimento da criança. E, nos chamou a atenção a afirmação “[...] eu estudo muito. Inclusive eu faço faculdade, mais para entender, educar [...]” (Entrevistado P1). Isso revela que, de certa forma, os pais possuem curiosidades sobre conhecer o desenvolvimento do próprio filho. Assim, possivelmente, são abertos ou suscetíveis a, quando encontrarem situações problemáticas, buscarem de algum modo tentar resolver com conhecimento acerca do que precisam. Porém, pode ocorrer, que sendo leigos sobre o assunto, possam ser privados de critérios de seleção sobre quais fontes são adequadas.

b) Busca de auxílio

Quando solicitados a responder sobre a busca de ajuda, apenas P4 afirmou positivamente. “Sim [...] psicoterapia convencional cognitivo comportamental e, eventualmente, consultoria de autenticação...individual. De casal não.” Responderam que **não buscam ajuda**, P1, P2, P3, P5, P6, P7. Os entrevistados P1 e P6, embora tendo dito não, inferem que há a possibilidade de buscarem ajuda. E nós, enquanto profissionais da área educacional, precisamos estar atentos a abertura que os pais podem proporcionar para que algum encaminhamento seja sugerido.

c) Como a assessoria pode acontecer?

Quanto a uma assessoria breve todos concordaram e, houve a sugestão de momentos colaborativos como antes do nascimento da criança e/ou durante a infância e adolescência, conforme expresso por P1 e P4.

P6, por sua vez, traz a dimensão do papel político com o conhecimento da Ontopsicologia que, pode proporcionar um trabalho muito diferenciado com os professores. Levanta ainda a questão da formação profissional ao afirmar que os “Doutores deveriam estar dando aulas para a infância”. A conclusão a que chegamos,

diante das respostas, é que a assessoria aos pais pode ser fundamental e, talvez, implicitamente, as respostas abordem a formação dos profissionais da área educacional.

Precedentemente ao processo de educar os filhos, faz parte compreender como se formou o casal e sobretudo, a autora sugere que,

Antes de decidir pelo evento-filho, quase sempre é necessário um processo de autenticação do casal, como meio de garantir a sanidade do lugar de origem da prole. Se queremos resgatar o respeito para com a vida humana, temos que nos responsabilizar diante da vida desde a sua origem. As primeiras influências e informações pré-orientam e pré-dispõe as subsequentes. (SPAGNOL, 2012, p. 9).

Esta mesma premissa é válida para o educador antes de educar as crianças, ele deve compreender como se formou a sua consciência, os mecanismos e as dinâmicas inconscientes implicadas em sua atividade psíquica que o impedem de crescer e tolhem as possibilidades educativas também da que educa.

4.3 PRÁTICAS DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

O como educar os filhos perpassa alguns momentos como dormir sozinho, o desmame e o significado do brinquedo. Buscamos compreender o cotidiano da educação dos filhos em situações concretas e, por meio das entrevistas, os pais revelam que:

Então estamos num passo porque ele tem 5 anos e a briga é feia. Ele ainda não dorme sozinho A gente está nesse processo. Mas bem difícil. Tá bem difícil porque ele tem medo então eu ainda tô... Estamos ainda em fase de adaptação disso. [Me permita perguntar: O que você atribuiria esse medo?] Aí é difícil! Eu não sei eu acredito que aconteceu alguma coisa porque ele não tinha medo E eu acabei me separando E aí acabou tendo de ir para casa do pai dele eu acho que alguma coisa ele se sentiu desamparado ou sentiu medo e daí então ele começou a ficar com medo, porque ele não tinha medo, ele andava no escuro e era bem tranquilo. E de um tempo pra cá ele começou a passar, a ter medo não ficar sozinho e pra dormir também é uma briga. [Me permita perguntar: e você tem medo quando ele sai, quando vai ficar com o pai, dormir na casa do pai?] Não! Não, é bem tranquilo. Eu não passo esse medo para ele, não tenho. E ele gosta muito de ir com o pai dele ... eu não consigo ainda é uma coisa assim que me preocupa muito isso porque a gente sabe que o medo não nasce com a criança, alguma coisa aconteceu nesse meio tempo que gerou esse medo nele ou ele não se sentiu amado ou ele se sentiu injustiçado ou alguma coisa que amedrontou ele. Não entendo ainda e não consigo porque ele não fala muito...e eu pergunto para ele “o que tu vê, ouve ou sente quando tu tá com medo, aí ele só diz que ouve alguns barulhos, mas não externa muita coisa! (Entrevista P1).

Considerando as colocações de P1 que, apesar das boas intenções manifestas pelos pais sobre a autonomia dos filhos, pode ainda existir uma certa resistência em proporcionar a eles o corte da dependência desnecessária entre pais e filhos. Nesta entrevista emergiu a temática do apego da mãe em relação ao filho. Assim como esse entrevistado, os demais também revelam a mesma condição de P1 em relação ao dormir sozinhos, embora, em cada situação, possa variar.

Vidor (2014) analisando a relação de dependência mãe e filho, explicita a dinâmica que está subjacente à essa situação de apego e de simbiose. A criança,

crescendo em dependência, tornando-se um pretensioso que só consegue sobreviver enquanto empenha outros a seu serviço. O filho, uma vez viciado, não suporta viver sem a presença do ponto de apoio externo, porque a própria mãe habituou-o a exigí-la, e, isso, desde aquele momento em que cada desejo seu representava para a mãe uma ocasião de alegria. (VIDOR, 2014, p. 21).

O ponto de reflexão aqui refere-se ao filho viver em dependência materna, que poderá continuar mesmo depois de adulto, caso não haja o corte umbilical. Portanto, neste momento cabe a figura materna proceder uma mudança interna através da descoberta do que a realiza enquanto pessoa de forma a viver saudavelmente por acolher o seu Em Si ôntico, ou seja, acolher o que sua alma solicita. Este elemento é contemplado com P6 que informa ter a criança começado a dormir sozinha desde cedo. Dos 7 pesquisados apenas P6 estabelece uma relação de autonomia com sua criança. No quadro a seguir, podemos observar os comportamentos que os pais adotam em relação a autonomia dos filhos.

Quadro 4 - Práticas de educação dos filhos

| | dormir sozinha | desmame | o brincar |
|-----------|--|---|--|
| P1 | 5 anos, não dorme sozinho | mama pela manhã | na escola com colegas, em casa com a mãe e o irmão mais velho (casado). |
| P2 | ainda não nascida. Mãe acredita que aos 3 anos | ainda não nascida. A mãe não pensou a respeito, mas o bico não vai dar. | Não nasceu ainda; (A criança “brincou bastante na barriga, chutou bastante) |
| P3 | a maior parte do tempo na caminha | 2,5 anos. Mama pela manhã, tarde, antes de dormir. | - próprios movimentos - estímulo do pai (bracinhos, perninhas; - pai pesquisando |

| | | | |
|------------|---|----------------------------------|---|
| | | | motricidade ampla e fina nessa faixa etária. |
| P4 | 5 meses mas já demonstra ter uma certa rotina... estamos tentando educar o sono que é uma das habilidades importantíssimas para uma criança se tornar autônoma. | bebe com amamentação no peito | Com os pais e com a babá. |
| P5* | 6 anos...não dormem sozinhos | tomam mamadeira | brincam entre eles e conosco. |
| P6 | Com 4 meses começou a dormir sozinha. Eventualmente quer dormir com os pais, aí quando ele dorme a mãe vai para o quarto da criança. raramente os 3 dormem juntos | Com 5 anos. O bico largou com 3. | Não respondeu neste momento. Apenas citou os primos quando o casal sai. A criança passa bastante tempo com o pai em função do trabalho e estudo da mãe. |
| P7* | 6 anos...não dormem sozinhos | tomam mamadeira | Brincam juntos, são dois meninos de 6 anos |

Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

A análise sobre tirar a mamadeira vai ao encontro da reflexão de dormir sozinho, excetuando-se P2, por a criança ainda não ter nascido e P4 que ainda precisa amamentação materna.

Na constatação sobre com quem a criança brinca veio à tona o momento Pandemia COVID-19 que limita o contato com outras pessoas. P1 informa que na escola, consigo (mãe) e com o irmão. P2 ainda não havia nascido, mas brinca na barriga da mãe (chutes). P3 informa ser com os pais e eventualmente com os avós. P4 com os pais e a babá. P5 entre eles e com os pais. P6 com os primos quando o casal sai. P7 entre eles.

O aspecto brincar, independe nessa faixa etária de com quem, pois trata-se de um momento essencial no desenvolvimento infantil. O brincar, além de ser um direito garantido por lei, também é uma das melhores e mais gostosas formas de a criança se desenvolver.

Ao trazer presente os valores, é possível retratar as concepções positivas e criativas presentes em cada ser humano e que proporciona evolução confirmando ou não progresso na harmonia do convívio humano.

Na temática filho ideal/projeção de filhos, os 7 pais entrevistados apresentaram no total 19 valores que consideram fundamentais para os filhos, quais sejam:

honestidade, trabalhado, humildade, empatia, funcionalidade individual e social, fazer o que gosta, respeito, honestidade, inteligência, racionalidade, mérito, bondade, que possa contar, educada, liberdade, bom caráter, perseverança e esforço. E, observamos que honestidade apareceu mais de uma vez.

A demonstração de estarem conseguindo a vivência desses valores se materializa quando alguém gosta do filho pela educação dele, ou quando o vê respeitando outrem. Também quando o percebe independente em situações do cotidiano pelo simples fato de utilizar uma louça e levar para a pia, dormir sozinho e tomar banho desde pequeno, respeitar o ambiente e as pessoas, liberdade, bom caráter, perseverança, esforço. Um dos entrevistados tem um bebê de 5 meses e os pais procuram exemplificar bondade, generosidade, dedicação....

[...] a única alternativa absoluta para a criança é o próprio Em Si. É necessário que o adulto proponha à criança uma educação como regra de vantagem, como instrumento válido de autóctise histórica⁷, ou seja, como possibilidade de autopôr-se e de metabolizar progressivamente o jogo histórico do devir pessoa, aqui e agora. (MENEGETTI, 2014c, p. 21).

Outro momento da pesquisa propõe refletir sobre o que mais irrita no filho e as respostas convergem em teimosia, personalidade forte, demora para dormir, quando renuncia às coisas dele para os outro, mas não é frequente, excesso de barulho. Porém, houve também aqueles que não percebem absolutamente nada irritante no filho.

P1 - É a teimosia. É ter que falar duas, três vezes e contar até três
 P2 - as dores e o fato de não poder fazer muitas coisas que gostava
 P3 - a criança tem uma personalidade bem forte e, às vezes ela teima bastante, e... fica nervosa
 P4 - quando está no processo de fazê-lo dormir e, às vezes isso demora um pouquinho de acontecer
 P5 - Absolutamente nada
 P6 - Ele tem uma bondade que não é minha, não saiu de mim assim! Uma bondade, uma coisa...,mas é bom, não me irrita isso. Irrita muito quando ele “abre mão” das coisas dele para o outro, mas não é frequente
 P7 -as vezes eu me irrito com o excesso de barulho deles

A averiguação que somos convidados a fazer refere-se à irritação ter sido provocada pelos filhos ou nós assim estamos por outras situações do dia que não evidenciamos a causa. O que fazer então? Primeiramente olharmos nosso espelho interior e tentar compreender por que a situação promove desconforto e qual a possível

⁷ Autóctise histórica: “Processo histórico de escolhas existenciais que fazem a resultante da evolução e da situação pessoal.” (Meneghetti, A. Racionalidade Ontológica, 2015, p. 3 e Aplicativo de Ontopsicologia).

solução. A seguir, promover um ambiente saudável que permita mais autonomia para a criança fazer suas coisas sozinha. Ao entendermos isso, nos tornamos mais capazes para o exercício da maternidade e paternidade, contribuindo positivamente para o desenvolvimento do filho e agregando valor à vida.

A mesma premissa pode ser exercida ao determinar o filho que não se quer. Uma vez que a criança é uma semente com suas características de desenvolvimento precisa é de um solo que favoreça a sua realização existencial. Alguns pais responderam a pergunta sobre o filho que não quer impostando sempre o aceitar e amar incondicionalmente e outros expressaram valores que enfatizam a dignidade humana.

Por que são fundamentais os valores para os filhos? Por que buscamos descobrir na pesquisa os valores que os pais passam aos filhos? Os valores são o norte que direcionam a educação do filho, seja ela qual for. Para Meneghetti (2015, p. 61-62) “O valor é qualquer atitude que implique conveniência ou perfeição de ser para o sujeito que opera.” No entanto, para esta pesquisa consideramos o critério de natureza e, para tal, somente o que é sadio e produz vida necessita ser considerado.

Ao perguntar aos pais que valores têm presente no processo educacional de seus filhos, queremos descobrir se há vida que gera mais vida, pois a infância é o período base que fundamenta os processos psíquicos que acompanharão durante a vida. Quando os pais expressam seus valores parece estar implícito “eu queria/quero ser assim” o que não deixa de ser positivo, pois os filhos refletem os pais. Nesse sentido, observamos as respostas de P1, P2, P3, P4, P5, P6 e afirmar: “Eu sou assim” ou “Eu quero ser assim.” Em P7 não houve resposta e poderíamos perguntar: “Esqueci de responder? Não me dei conta? Ou será que mexeu comigo?”. Os pais ainda elencaram valores como:

- P1. Honesto, trabalhador, humilde, empatia
- P2: Funcional para si e para a sociedade
- P3: gratidão, honestidade, sinceridade, cultivo da inteligência, racionalidade, mérito
- P4: Bondade, estudo, trabalho
- P5: sincera, não mentir, que se possa contar, educada
- P6: liberdade e respeito
- P7: bom caráter, perseverança, esforço

Quando os pais apresentam as evidências cotidianas de valores demonstrados por seus filhos, as expressões “alguém, atitudes, identidade familiar, laços” podem remeter a “somos assim: pais e filhos!

A questão dos valores é absolutamente fundamental para o Homo Sapiens, pois, no fundo, somos Homo Moralis, Homo Ethicus ou mesmo Homo Valens; qual seja, não é possível pensar-se com rigor a existência humana sem um conjunto de valores de referência. Pode-se questionar a relevância dos valores assumidos, sua consistência ou seu grau de coerência, mas não sua presença na vida concreta das pessoas. Valor é um fim, algo para o qual a ação humana pode e deve se dirigir, aquilo que “vale a pena”; valor é o que dá sentido à atividade e, no limite, à vida. (PACHECO, 2012, p. 32).

Buscamos averiguar na pesquisa ainda, se estes valores podem ser percebidos no contexto das relações educativas entre pais e filhos. Por evidências compreendemos, segundo Meneghetti (2012, p. 111) “o que resulta da experiência daquele que vê” e isso foi expresso pelos pais quando questionados sobre situações do cotidiano que comprovam os valores propostos pela família. P1 relata “Quando alguém gosta do filho da gente...o filho respeitando alguém...”, P5 expressou “Todo mundo elogia os meninos fora...todo mundo faz algazarra...eles prestam atenção!”. P7 expõe “observa-se nas atitudes deles com os demais, pelos elogios dos professores.” Estas manifestações dos pais revelam que, com certeza, qualquer pai fica feliz ao ver que outrem elogia a postura dos filhos. É um momento de sadia vitalidade, pois agrega valor a si e ao outro. Podemos teorizar as colocações de P1, P5 e P7 com o que diz Meneghetti (2014, p. 204)

Dois são os escopos ou conhecimentos que é necessário fornecer ao pequeno: 1) conhecimento e respeito por si mesmo, 2) conhecimento das regras (deveres) que a sociedade local e semelhante (o humanismo humano) escolheu e impõe. Fazendo, sobretudo, compreender que todos observam aquelas regras, aquela cultura, aquela língua, aquela história, aquela psicologia, aquelas ciências, aquelas leis.

A partir de outros elementos que os pais manifestam podemos compreender que percebem a importância de suas atitudes e a situação do contexto familiar na educação dos filhos: P2 “Atitudes minhas mesmo, no meu papel enquanto mãe e pessoa [...] a gente é o reflexo [...] minhas atitudes a do meu parceiro”; P3 “[...] vai pegando uma identidade familiar (pandemia) [...] criar mais laços [...] aos poucos vai influenciando na identidade [...]”; P4: “[...] a gente busca na nossa própria vida [...] sermos bons, sermos generosos, sermos trabalhadores; P6: “Muito independente [...] meu exemplo é importante...colocar a própria louça na cozinha [...]”.

A prática dos pais na educação dos filhos, como constatado com a presença dos valores, repercute na presença do profissional da educação que se torna adulto-

referência em outros momentos da vida da criança. Podemos aqui, evocar, a perspectiva trazida por Vidor:

O educador não pode substituir o esforço e o empenho da criança, ele deve provocar o processo de crescimento e mérito da criança para ela afirmar-se com autonomia. Gratificar em excesso alimenta a dependência e frustra a ambição e necessidade de afirmação da pessoa em formação. (VIDOR, 2017, p. 67).

Desta forma, com a sua realização o adulto, seja pai ou educador, tem a oportunidade de auxiliar a criança a também vivenciar sua autorrealização, uma vez que ela se espelha no adulto referência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial deste trabalho consistiu na investigação de como os genitores compreendem e desenvolvem a relação educativa nos primeiros anos de vida de seus filhos. Para tanto, nos propusemos compreender a influência da relação do casal na educação de suas crianças nos primeiros anos de vida, investigar a intencionalidade consciente dos adultos se tornarem genitores, verificar se buscam conhecer como podem prover esta educação, conhecer os valores utilizados confrontando a existência ou não de congruência entre tais princípios intencionados e praticados no processo educacional. A metodologia proposta foi a qualitativa e para materializá-la foi elaborado um roteiro de entrevista com 21 perguntas organizadas em temáticas envolvendo a relação do casal, sua intencionalidade ao pretender ter filhos, conhecer mais sobre educar o filho, valores e projeção de filhos.

Os dados fornecidos pelos entrevistados informam a importância de cada cônjuge conhecer o próprio projeto de natureza, o seu Eu Si ôntico para então intencionar os filhos. Na mesma linha, o educador, necessita conhecer-se além de cada etapa do desenvolvimento infantil. Esse conhecimento, tanto para os pais quanto aos profissionais da educação, ajudará a criança ampliar, de forma funcional, a sua evolução.

A pesquisadora traz, como pano de fundo, a pedagogia ontopsicológica que tem como escopo prático ajudar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmos como pessoas líderes no mundo; educar um Eu lógico histórico com capacidades e condutas vencedoras. A educação dos filhos nos primeiros anos de vida precisa de um conhecimento diferenciado que proporcione aos pais alcançar tal escopo.

Com o primeiro objetivo "investigar a intencionalidade consciente dos adultos se tornarem genitores" os dados pesquisados demonstram que a relação do casal precisa ser de forma egóica, isto é, cada um dos cônjuges necessita estar realizado enquanto pessoa e profissional diante da vida, pois ao realizar individualmente o seu projeto de natureza, como casal, impreterivelmente poderão proporcionar aos filhos espelharem-se e, portanto, também fazerem autóctise histórica.

O segundo objetivo "Verificar se os pais buscam conhecer como podem prover a educação de seus filhos" foi alcançado, pois as informações revelam que os pais, por meio das intencionalidade do casal ao pretender ter os filhos, responderam que: 1) quando o filho é desejado, pensado, há um objetivo implícito de realização pessoal; b) tais convicções, enquanto pais, inferem a elementos de realização pessoal, a corresponder ao seu Em Si ôntico, que, dentre as suas 15 características, três delas podem ser relacionadas com os valores que os pais revelaram, quais sejam: o utilitarismo-funcional, vencedor e, criativo; 3) a importância de salvaguardar contexto propício à prole.

Em nosso terceiro objetivo de "conhecer mais sobre educar o filho (que tipo de leitura/cursos)" demonstramos que os pais percebem a necessidade de uma assessoria que os ajude a compreender como desempenhar seu protagonismo e o de seus filhos.

Com o quarto objetivo "conhecer os valores que os pais utilizam na educação dos filhos" os dados demonstraram como educam os filhos e emergiram os valores que indicam uma educação humanista.

Por fim, com o quinto objetivo "confrontar se existe congruência entre os valores intencionados e praticados na educação dos filhos" os dados pesquisados apontam as práticas dos pais na educação dos filhos e as idealizações sobre o filho que gostaria de ter. Percebemos que os pais se colocaram em abertura ao protagonismo do filho no sentido do que praticam.

A pesquisa traz ao pedagogo, em termos práticos, que pedagogia é "a arte de como coadjuvar ou desenvolver uma criança à realização". É este o suporte de nossa atividade profissional. Para tanto, ter responsabilidade em relação a própria identidade. E, conforme Meneghetti, "ser responsável não é uma escolha, mas um fato que não pode ser eliminado a partir do momento que se existe onde um evento acontece." (MENEGETTI, 2005).

Por fim, como pesquisadora, dei-me conta de que esta pesquisa não é simplesmente uma busca por fundamentar um objeto empírico, a partir da fundamentação da literatura, muito embora esta ajude. Compreendi que precisava partir de mim: "como vou ler um outro se não leio a mim mesma"? Esta indagação foi aquela que permeou minha trajetória acadêmica no curso de Licenciatura em Pedagogia da Antonio Meneghetti Faculdade. Ao despertar, na reta final da elaboração desta pesquisa, fazendo uma analogia, é como se eu estivesse dentro do útero materno, aquecida sozinha, mas acompanhada, protegida, descansando, mas agora está na hora de

despertar e de nascer, fazer o nascimento de um novo Eu. Ainda, me reportando para uma para uma imagem que tenho de uma foto minha, de 2010. Eu estou, segundo os conceitos sociais, linda e maravilhosa com vestido preto e uma blusa vermelha, o cabelo alisado, sorrindo, maquiada. Mas, junto com essa beleza externa, também houve o retoque do Photoshop. Assim também acontece na vida, eu sou a pessoa, eu sou o ser Marisa. Aquela que, tem ainda encontra dificuldade em se olhar no espelho e, de vez em quando, eu olho, mas lembro e digo assim “ah negrinha! Como você está linda hoje! Ah, vou mudar essa cara! Olha esse cabelo tá horroroso! Mas você tá muito bonitinha”. Mas, sempre com adjetivos que expressavam uma forma externa.

Meneghetti (2014), trazendo a experiência de uma pessoa frente ao espelho, e conduzindo uma análise sobre a situação do Eu, a colocou na frente do espelho e solicitou para se descrever. Esta análise, também pode servir como analogia à esta pesquisa. Ela se coloca como espelho de reflexão sobre a construção do meu Eu. Portanto, o percurso de investigação foi uma provocação para novamente servir de espelho de situações vividas, construídas na identificação de um Eu, o qual, não mais lembrava do contexto, contudo, deixou marcas. Portanto, assim, como Meneghetti utilizou do espelho para a análise do Eu da pessoa, este trabalho de conclusão de curso, também fez com que eu me colocasse “frente ao meu espelho existencial” e, ter a oportunidade de modificar a percepção sobre mim mesma, me vendo agora com outra ótica.

Do mesmo modo, esta mesma analogia, transposta para a relação pais e filhos nos primeiros anos de vida, se refere a como os pais são determinantes na construção do Eu da criança. Ou seja, quais as aprendizagens que no contexto da educação infantil no seio da família constroem uma imagem que pode distorcer a mensagem da vida que cada criança possui dentro de si. A criança, durante as primeiras díades no contexto familiar também pode começar a se ver conforme o seu projeto ou design que a vida lhe presenteou. Eis então, a importância de trazer um panorama de como os pais educam o Eu lógico histórico do filho: é a partir de condutas vencedoras ou dos memes da doxa societária?

REFERÊNCIAS

ALVES, Alda Judith. **Planejamento de pesquisas qualitativas em educação. Cadernos de Pesquisa.** São Paulo (77): 53-61, maio de 1991. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1042/1050> Acesso em 25 de jul. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BOGDAN, R. C. BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação;** uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de M. J. Alvarez, S. B. Santos e T. M. Baptista. Porto: Porto Editora, 1994, p.47, 50.

BRASIL. [Constituição 1988]. **Constituição** da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_12.07.2016/art_229_.asp

CAROTENUTO, Margherita. **A Paideia Ôntica dos Sumérios a Meneghetti;** tradução Ontopsicológica Editora Universitária. Recanto Maestro. São João do Polêsine - RS. Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. Coleção Educação Contemporânea.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas 2000.

GODOI, Christiane Kleinübing e MATTOS, Pedro Lincoln C. L. **Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico.** In.: GODOI, Christiane Kleinübing et al (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.** São Paulo: Saraiva, 2006.

GONÇALVES. Ana Valéria Silva. **A Responsabilidade dos Pais durante o Processo de Divórcio. SENADO/LEG,** 2016, p. 1 a 6. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/programas/primeira-infancia/artigos/artigos-ano-2016/a-responsabilidade-dos-pais-durante-o-processo-de-divorcio-ana-valeria-silva-goncalves>. Acesso em 27 jul. 2021.

HUMANIDADE. **In Dicionário Online** de português. Porto: 7 Graus, 2020. Disponível em <https://www.dicio.com.br/humanidade/>. Acesso em 1º ago. 2021.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia.** 4 ed. Recanto Maestro - RS. Ontopsicológica Editora Universitária. 2010.

MENEGHETTI, A. **Cultura & Educação: Uma nova Pedagogia para a Sociedade Futura.** PRONAC nº 149154/Associação Brasileira de Ontopsicologia. Recanto Maestro - RS: Ontopsicológica Editora Universitária. 2015

MENEGHETTI, A. Nova Fronda Virescit. **Introdução à psicoterapia ontopsicológica,** Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Psicologia do Líder.** 5 ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

- MENEGHETTI, A. **Racionalidade Ontológica**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.
- MENEGHETTI, Antonio. **O Projeto Homem**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.
- MENEGHETTI, Antonio. **Os sete pontos do empreendedor**. Performance Líder. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wD_nJQ5LL6U&ab_channel=PerformanceL%C3%ADder> Acesso em 20 jul 2021.
- MENEGHETTI, Antonio. **A psicossomática na ótica Ontopsicológica**. 4. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.
- MENEGHETTI, Antonio. [Valor] Aplicativo Ontopsicologia
- MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.
- MENEGHETTI, Antonio. **Inteligência e Donnità**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.
- MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3 ed. Meneghetti, - Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014c.
- MENEGHETTI, Antonio. **Uma nova pedagogia para a sociedade futura: princípios práticos**/Fundação Antonio Meneghetti - Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014b,
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2012, v. 17, n. 3 [Acessado 3 Agosto 2021] , pp. 621-626. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>>. Epub 13 Nov 2012. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.
- MONTESSORI, Maria. **O que você precisa saber sobre seu filho**. Rio de Janeiro, Ed. Portugalia, s/d.
- MONTESSORI, Maria. **Para Educar o Potencial Humano**. Papirus: Campinas (SP). 2014.
- PACHECO, José. **Dicionário de Valores**. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.
- PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- SPAGNOL, Carmen D. A fase pré-natal e a responsabilidade da vida. In: **Uma nova pedagogia para a sociedade futura: princípios práticos** / Fundação Antonio Meneghetti – Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014. Disponível em <https://fundacaoam.org.br/cartilha-uma-nova-pedagogia-para-a-sociedade-futura> Acesso em 14 jul 2021.
- VIDOR, Alécio. Gratificação na Educação. In: **Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do jovem para a sociedade do futuro** / Fundação Antonio Meneghetti – Recanto Maestro: São João do

Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017. Disponível <https://fundacaoam.org.br/pedagogia-contemporanea-pt> . Acesso em 03 jun 2021.

VIDOR, Alécio. **Relação entre pais e filhos**: origem dos problemas. Recanto Maestro São João do Polêsine (RS). Ontopsicológica, 2014.

VIDOR, Alécio. **Fenomenologia e Ontopsicologia**: de Husserl a Meneghetti. Recanto Maestro, São João do Polêsine – RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

VIDOR, Alécio. **Uma nova pedagogia para a sociedade futura**. Fundação Antonio Meneghetti - Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. Rev. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/9GBmR7D7z6DDv7zKkrndSDs/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 jul 2021.

APÊNDICE

ROTEIRO DE QUESTÕES DAS ENTREVISTAS E DADOS CONFORME AS TEMÁTICAS DE PESQUISA

| | |
|------|--|
| Pais | 1) <i>Quando você pensou em ter filhos, que tipo de filho queria ter?</i> |
| P1 | Saudável, cheio de vida é a primeira coisa que se espera de um filho. |
| P2 | Tu diz na questão de personalidade? Eu não me apego à questão estética, no sentido da aparência. Gostaria que fosse um filho educado, bem diferente da educação que tive...no sentido de estímulo. Acredito que se eu tivesse sido mais estimulada na questão de estímulo, responsabilidade e vontade eu teria tido uma experiência de início de vida diferente. Então a minha expectativa seria essa. |
| P3 | ...não...nunca chegamos a fazer esta pergunta ...Eu acho que a gente brincava em características físicas, mas sem uma exigência assim. |
| P4 | Sonhava em ter um filho criativo, um filho que fosse observador e curioso |
| P5 | Eu pensei mais tarde, pois não me sentia preparado para ser pai. E o filho que eu queria ter é exatamente os que eu tenho, só que veio dobrado, melhor ainda. |
| P6 | Eu sempre quis ser mãe. Eu nunca idealizei um casamento, um marido, família, mas eu tinha certeza de que seria mãe. Sempre sonhei em ter dois filhos: ter um casal. E queria muito uma menina. Então, imaginei que o (cita o nome da criança) fosse uma menina, estava esperando pela menina e tive a surpresa de ser o menino, mas hoje sou muito feliz. Também imaginava um menino bem-querido, não, um menino bem sapeca, hoje (cita o nome) é um menino bem-querido, mas eu queria um menino bem sapequinha. E uma menina bem-comportada, bem estereótipo da sociedade mulher e homem. Bem isso que eu tinha na minha cabeça há muito te. Eu já mudei muito em relação a isso tudo, na verdade, no meu pensamento, né! |
| P7 | nunca idealizei como seriam, achava que seria um filho ou filha |

| | |
|------|--|
| Pais | 2) <i>Que valores familiares você traz e quer passar a teu filho? (Ex.: dar continuidade a prole...)</i> |
| P1 | Honrar pai e mãe, respeitar os mais velhos, ser uma pessoa honesta, do bem, que luta pelas coisas que quer |
| P2 | ... Hoje eu penso em respeito, porque define tudo. Se tenho respeito pela pessoa ela |

| | |
|-----------|---|
| | vai ser educada contigo, vai confiar em ti...Respeito, justiça e amor |
| P3 | Eu cresci numa família cristã, uma família católica, lá no interior...íamos à igreja todo final de semana e tudo. Não tenho a pretensão de Entregar tudo isso a minha filha, mas com certeza eu quero que ela tenha esses valores de honestidade, de saber de onde vem, de agradecimento. Então esses valores eu quero cultivar na minha filha. |
| P4 | a bondade e o fazer o bem sem olhar a quem. E, gostaria de passar para o meu filho, o fazer as coisas de forma desapegada, mas também saber o que fazer para lhe satisfazer, fazer o que se quer para o seu ser obter um lugar na vida, um lugar na existência. |
| P5 | Ser uma pessoa boa, honesta e ter respeito, ser educado, ter respeito. |
| P6 | Os valores familiares que eu trago são a liberdade e o respeito com o espaço do outro, do respeito com as pessoas. |
| P7 | Valores de honestidade, trabalho, merecimento, amor e família; |

| | |
|-------------|--|
| Pais | 3) <i>Quais valores você acredita serem fundamentais...? O que gostaria no filho quando for grande?</i> |
| P1 | que seja honesto, trabalhador, pessoa humilde, pessoa que tenha empatia se coloque no lugar do outro. É isso aí! |
| P2 | Os mesmos que disse acima...que seja uma pessoa funcional para si e para a sociedade. Que seja alguém que faça o que gosta de fazer, mas sempre olhando e respeitando o próximo. |
| P3 | A gratidão, a honestidade, a sinceridade, o cultivo da inteligência, da racionalidade, mérito. |
| P4 | A bondade e, também, os valores de estudo e de trabalho. |
| P5 | ser uma pessoa sincera, não mentir...ser uma pessoa que se possa contar, educada. |
| P6 | ...liberdade e respeito são valores fundamentais. |
| P7 | Bom caráter, perseverança e esforço; |

| | |
|-------------|---|
| Pais | 4) <i>Tem interesse ou estudou sobre o desenvolvimento da criança que acha importante para educar uma criança? O quê? Quando? Como? Por quê?</i> |
| P1 | Sim, eu tenho três filhos. Então o mais velho já tem 25 anos, então de lá para cá eu como era imatura então Conforme foi a segunda e a terceira Que meu filho é |

| | |
|-----------|--|
| | pequeno hoje Então eu estudo muito Inclusive eu faço faculdade Mais para entender, educar Porque a gente vê tanta coisa tantos adultos aí Com traumas com coisas tão pesadas Culpa infelizmente dos Pais Então a minha intenção é fazer o melhor Então estudo leio tudo que for para educação De filhos para tentar fazer botar um ser humano no mundo menos complexado. |
| P2 | Estou estudando um pouco disso na Faculdade...mas ainda não sei tudo. É uma área bem interessante e gostaria de ter mais conhecimento. |
| P3 | Nós pesquisamos, quer dizer, minha esposa pesquisou mais, compramos livros. Até o momento ela que se dedicou nesta parte, mas um pouco eu também pesquisei e, lógico, é importante pesquisar sobre as fases de desenvolvimento. |
| P4 | Tenho interesse e também estudei durante a gravidez sobre o desenvolvimento da criança e, também agora na fase de bebe também para a educação infantil. Eu procuro estudar todas as teorias pedagógicas e também estudar sobre o desenvolvimento infantil mês a mês. |
| P5 | Sim, nós estudamos. A (cita o nome da esposa) comprou alguns livros, eu pesquisei também. É um novo mundo, então a gente tem que se preparar minimamente |
| P6 | Eu nunca estudei sobre o desenvolvimento da criança, de crianças, mas eu tive estúdio fotográfico por muito tempo, então acompanhei muitas mães, muitos bebês, muitos partos. Eu tive isso muito presente dentro da minha vida por um período muito grande. Comecei a trabalhar com isso com 20 anos e trabalhei por 16 anos dentro do mundo fotográfico |
| P7 | sim, tenho estudo sempre que possível, sempre que não tenho certeza de como agir; |

| | |
|-------------|--|
| Pais | 5) Em que situações você observa que no dia a dia de convivência demonstra estar conseguindo esses valores na criança? |
| P1 | Ai essa pergunta é difícil. Olha eu acredito que...quando alguém gosta do filho da gente...porque é tão difícil hoje em dia uma criança ter um pouquinho de ser educada, as crianças são tão sem limites que quando você vê o teu filho respeitando alguém Já é um bom começo tu sabe que Está indo pelo caminho certo |
| P2 | É mais complexa! Acredito que seja nas atitudes minhas mesmo, no meu papel enquanto mãe e pessoa. A gente sempre fala que a gente é o reflexo da criança. Então, Conforme ela vai agindo é porque eu estou fazendo daquela forma. Então acredito que as minhas atitudes e a do meu “parceiro” também. |
| P3 | Nós temos o quê...a nossa filha está com dois anos e meio...tem já alguns momentos de interação em que a gente vai percebendo que ela vai pegando uma identidade familiar, ainda mais agora com pandemia que ela ficou sob nossos cuidados...ficou |

| | |
|-----------|---|
| | diretamente conosco...ela já ia para o berçário desde os sete meses e quando pandemia começou, ela ficou totalmente com a gente. Então cria mais esses laços e acredito que aos poucos isso vai influenciando na identidade. |
| P4 | Como o bebe ainda tem 5 meses não sei, não consigo observar tanto como se a gente tivesse transmitindo pra ele esses valores, mas a gente busca na nossa própria vida sermos bons e sermos generosos e sermos trabalhadores. E também dedicados nessa criação do filho que vai reverberar nele mesmo. |
| P5 | Todo mundo elogia os meninos fora... que eles são muito educados, inclusive agora na escola, todo mundo faz algazarra, eles prestam atenção. É gostoso de ouvir! |
| P6 | Ele é muito independente, (cita nome da criança) é bastante independente desde pequeno. Desde que ele era pequeno eu viajo, então eu acredito que o meu exemplo é muito importante. Ele é uma criança que toma banho sozinho desde muito cedo, dorme sozinho desde muito cedo. Ele tem hábitos que a gente vê que é pelo nosso exemplo, que não precisa falar. Uma evidência: se ele come, se ele come na sala, ele usa um prato e uma xícara, ele não deixa na mesinha do centro, ele leva para a cozinha. Então são pequenas coisas que eu vejo que ele respeita o ambiente, ele respeita as pessoas. Ele tem uma liberdade muito grande, uma independência muito grande em relação a outras crianças que eu conheço, da mesma idade. |
| P7 | observa-se nas atitudes deles com os demais, pelos elogios dos professores; |

| | |
|-------------|---|
| Pais | 6) Os filhos foram planejados? Como decidiram ter filhos? Como o casal estava vivenciando aquele momento enquanto pessoa e enquanto casal? |
| P1 | Olha sempre foram muito desejados Foram três gestações bem distantes O primeiro filho tem 25 a minha filha tem 18 E o meu Rapa do Tacho tem 5 anos Então foi bem espaçado foi bem desejado Em momentos de muito amor eles foram gerados. |
| P2 | Na verdade, não foi nada planejado...Foi mais de irresponsabilidade da nossa parte, a questão do cuidado...Eu sempre quis ser mãe, né, sempre tive essa vontade...Tenho muitas situações tradicionais que eu... não sou tradicional, no sentido de ser mais aberta do que os meus pais...Porém tem certas coisas que eu trago comigo... eu quero muito casar um dia e ser mãe era um deles, mas não agora, era para ser depois que eu estivesse formada, trabalhando...com uma estrutura muito melhor. Só que acabou acontecendo por descuido meu e dele...porém desde o início eu me desesperei um pouco...porque minha irmã casou muito cedo, estava terminando o Ensino Médio...por isso e outros motivos nem faculdade chegou a fazer...e o meu medo era o de contar para os meus pais e eles me pedirem para sair da faculdade porque dependo deles...Mas tive grande apoio do meu parceiro desde o início...e os primeiros meses é uma bomba de hormônios...tu fica muito sensível, chora por qualquer coisa... o apoio do parceiro foi que ajudou a manter a gestação haja vista a experiência familiar também com gestação...Hoje a criança é tão desejada quanto no momento inicial... |

| | |
|-----------|--|
| P3 | Nós estamos juntos já há um bom tempo e trabalhamos muito. A minha esposa fez toda uma graduação durante o nosso relacionamento e só depois disso a gente foi pensar em ter filhos... mas foi algo bem tranquilo, não digo que foi planejado em detalhes, mas nós nos abrimos a oportunidade...ela parou de tomar o medicamento...e a gente ficou aberto a oportunidade e deu certo. |
| P4 | Não era exatamente planejado, mas tava decidido termos filho logo depois do casamento. E estávamos vivendo um momento estável, né, e apenas com um cachorro e que nós tínhamos abertura e espaço, estabilidade para gerar filhos e se dispor é isso. Essa missão! |
| P5 | Sim! Na verdade, a gente imaginava ter um só, né! E tivemos um pouco de dificuldade por causa da...tivemos alguns problemas...como diz...de DNA...incompatibilidade de DNA e acabou que ... demoramos um pouco, mas deu tudo certo. Como casal? Acredito que estávamos até num vazio existencial, assim, não sabia se ia ter ou não ia ter...Acabou que optamos por tê-los e foi bem bom! |
| P6 | Sim, o (cita o nome da criança) foi planejado, muito planejado, muito esperado...Eu já tinha essa decisão tomada há muito tempo, então... meu marido já era pai de uma menina, de um outro relacionamento. Ele sabia desde sempre que eu queria filhos...Eu levei um ano para engravidar, bom, na verdade eu levei um ano para começar a fazer algum tipo de tratamento e eu fiz um tratamento que é super comum que é tomar um comprimidinho (cita o nome do medicamento) e fazer, manter a relação sexual no horário estipulado pelo médico pra ovulação e acompanhar a ovulação. Então posso dizer que, dentro desse período que antecedeu esse um ano, o começo foi um mar de rosas, eu achei que engravidava outro mês e isso não aconteceu. Então, o sexo começou a ser algo muito mecânico, muito “para engravidar!”. E eu vejo que foi isso! Muitas pessoas me perguntaram “como ficou o sexo depois da gestação?” Eu disse “ficou ótimo porque, antes eu só fazia sexo para engravidar. Então depois que o (cita o nome da criança) nasceu, estava tudo bem, as coisas voltaram ao seu normal, entre aspas. |
| P7 | sim, de certa forma sim. Acho que foi naturalmente se encaminhando, já sentia a necessidade de completar a família. Passamos por um tratamento em função de incompatibilidade imunológica e então isso deu certa maturidade; |

| | |
|-------------|---|
| Pais | 7) Com que idade seu filho começou a dormir sozinho? |
|-------------|---|

| | |
|-----------|---|
| P1 | <p>Então estamos num passo porque ele tem 5 anos E a briga é feia Ele ainda não dorme sozinho A gente está nesse processo...Mas bem difícil Tá bem difícil porque ele Tem medo então eu ainda tô... Estamos ainda em fase de adaptação disso. Me permita perguntar, O que você atribuiria esse medo? Aí é difícil!</p> <p>Eu não sei eu acredito que aconteceu alguma coisa porque ele não tinha medo E eu acabei me separando E aí acabou tendo de ir para casa do pai dele eu acho que alguma coisa ele se sentiu desamparado ou sentiu medo e daí então ele começou a ficar com medo, porque ele não tinha medo, ele andava no escuro e era bem tranquilo. E de um tempo pra cá ele começou a passar, a ter medo não ficar sozinho e pra dormir também é uma briga.</p> <p>Me permita perguntar: e você tem medo quando ele sai, quando vai ficar com o pai, dormir na casa do pai?</p> <p>- Não! Não, é bem tranquilo Eu não passo esse medo para ele, não tenho. E ele gosta muito de ir com o pai dele... eu não consigo ainda é uma coisa assim que me preocupa muito isso porque a gente sabe que o medo não nasce com a criança, alguma coisa aconteceu nesse meio tempo que gerou esse medo nele ou ele não se sentiu amado ou ele se sentiu injustiçado ou alguma coisa que amedrontou ele. Não entendo ainda e não consigo porque ele não fala muito...e eu pergunto para ele “o que tu vê, ouve ou sente quando tu tá com medo, aí ele só diz que ouve alguns barulhos, mas não externa muita coisa!</p> |
| P2 | <p>Acredito que tudo é no tempo da criança. Ainda não estudei a respeito, mas acredito que aos 3 anos...desfralde...Eu esperaria pela criança.</p> |
| P3 | <p>Então, ela dorme na caminha dela, mas a caminha dela fica ainda no nosso quarto. Então esse dormir sozinha é parcial. Mas ela passa a maior parte na caminha dela.</p> |
| P4 | <p>Ele ainda não tem essa habilidade, mas nós estamos em treinamento, tentando educar ele, educar o sono que é uma das habilidades importantíssimas para uma criança se tornar autônoma...e ele tem 5 meses, mas já demonstra ter uma certa rotina.</p> |
| P5 | <p>Eles não dormem sozinhos!</p> |
| P6 | <p>O (cita o nome da criança)dormiu sozinho desde muito pequeno. Ele tinha o quarto dele, ele ficou 3 meses conosco no nosso quarto e daí dormiu, começou a dormir sozinho. Hoje, eu vou ser bem sincera, de vez em quando ele quer dormir na nossa cama, mas daí eu saio e durmo na cama dele. Então a gente faz esse rodízio, assim. Raras vezes a gente dorme os três juntos na cama, mas confesso que dá vontade. Mas eu não faço! Eu saio, ou fico na cama com eles até eles adormecerem, daí eu vou dormir no outro quarto, porque ele fica muito mais com o pai do que comigo, né! Ele tem muito mais contato com o pai dele do que comigo, desde pequeno, porque eu sou uma pessoa que sai para estudar, eu sou uma pessoa que sai para viajar, para fazer cursos e o meu marido mantém uma rotina muito... muito certinha de horário, a empresa dele é aqui não necessita viagens e eu saio para estudar no (cita o nome do lugar) e fico um período bastante grande fora. Então ele já tem essa convivência de, quando eu não estou, eles ficam mais juntos, ele dorme com o pai na cama, essas coisas.</p> |
| P7 | <p>hehehe, não dormem sozinhos</p> |

| Pais | 8) <i>Com que idade tirou a mamadeira?</i> |
|-----------|---|
| P1 | <p>Ele ainda mama, de manhã, na mamadeira. É a única vez que ele mama, porque eu levanto cedo e aí já dou mama para ele e ele dorme até um pouquinho mais tarde. Então aí depois ele não mama, não come nada. Aí é a única refeição que ele faz de manhã é o leite aí eu dou o mama para ele de manhã.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que horário você se levanta? Eu levanto tipo sete e meia. - e ele se levanta às 10h mais ou menos. - E por que teria que dar a mamadeira às 7h da manhã para ele se ele levanta só às 10h? - Porque daí ele não come nada, só vai almoçar! Eu acho que é um tempo muito longo sem comer nada de manhã...e, se ele levantar e tomar um café daí ele não almoça. - E ele almoça bem? - Sim! E repete quando é coisa que ele gosta! - E depois vai para a escola? Lá come bem? Sim, ...e janta bem |
| P2 | <p>Quanto a mamadeira não pensei a respeito, mas o bico não intenciono dar. O bico fez com que eu precisasse usar aparelho...Larguei o bico quando quis, em torno dos 7 anos...</p> |
| P3 | <p>Ainda não tiramos. Ela está com dois anos e meio. Ainda toma 3 mamadeiras por dia: manhã, tarde, antes de dormir e noite antes de dormir também.</p> |
| P4 | <p>Não se aplica, pois o bebe faz amamentação exclusiva no peito.</p> |
| P5 | <p>Ainda tomam mamadeira.</p> |
| P6 | <p>A mamadeira foi até uns 5 anos, eu acho! O bico é que foi mais cedo. O bico ele largou com uns 3 anos, antes até! Mas a mamadeira levou um pouquinho mais de tempo.</p> |
| P7 | <p>ainda tomam mamazinho antes de dormir e ao acordar;</p> |

| Pais | 9) <i>Com quem a criança brinca?</i> |
|-----------|--|
| P1 | <p>Na escola com as crianças e em casa comigo, com o irmão dele porque não temos muitas crianças por perto e além dessa pandemia fica meio que restrito...a brincadeira preferida é jogar bola, uma coisa que a gente tem feito bastante.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Além do exercício, né!? - Sim, é bom tanto para ele como para mim. |
| P2 | <p>Sou do interior e subi muito em árvore, corri, joguei bola, me ralei bastante, andei de bicicleta, fiz tudo que uma criança tem que fazer...</p> <ul style="list-style-type: none"> - considerando o nascimento da criança vejo a partir do estímulo mesmo...dos bracinhos, perninhas, eu fazer gestos com as mãos e tentar com que a criança repita. Estou até fazendo uma pesquisa da motricidade ampla e fina nessa |

| | |
|-----------|--|
| | faixa etária. A criança por si já tem seus próprios movimentos...a partir daí estimular mais... A criança “brincou bastante na barriga, chutou bastante” |
| P3 | Ela brinca mais conosco. Dentro do possível levamos ela para brincar com os avós. No condomínio onde moramos tem algumas crianças que, algumas vezes ela tem algum contato, mas devido a pandemia esse contato ficou mais difícil. |
| P4 | Com os pais e com a babá. |
| P5 | Brincam entre eles e conosco. |
| P6 | |
| P7 | brincam juntos, são dois meninos de 6 anos |

| Pais | 10) Como o nascimento do(s) filho(s), modificou a vida do casal? |
|-------------|--|
| P1 | <p>Com o eu sou separada a minha vida modificou bastante. Meu trabalho requeria muito da minha presença. Então eu trabalhava em dois empregos... eu tive que sair de um trabalho...e tentar me adequar a necessidade dele.</p> <ul style="list-style-type: none"> - E enquanto vocês estava nas duas atividades profissionais o cônjuge que cuidava da criança? - Sim! - E você acredita que esta situação que abalou mais a relação do casal? - Não! Acredito que não! - E vocês tinham momentos a sós?...Nem que fosse uma vez por semana? - Não, muito difícil! Muito difícil pelo meu trabalho, pela rotina muito difícil, quase impossível! - Quando você fala em rotina está se referindo a que? - A minha rotina de trabalho que, além de ser puxada, psicologicamente...Eu trabalhava a noite toda e metade do dia. Então era muito difícil a rotina - ...a gente vai ter mais responsabilidade... minha família vai acompanhar no período inicial em função do trabalho de meu parceiro... |
| P2 | Ainda não nasceu. |
| P3 | Nós quando consideramos ter filhos nós pensamos também, nós morávamos em um apartamento pequeno, pensamos também em construir uma casa para ter mais espaço para o desenvolvimento da criança. Nós, na época não sabíamos se seria menino ou menina, mas foi tudo ao mesmo tempo...tivemos que trabalhar bastante...Aumenta o trabalho, aumenta o estresse...Então, lógico que isso afeta a vida do casal, mas estamos com o mesmo objetivo, então isso é muito importante para seguirmos em frente. |
| P4 | Modificou muito a vida do casal, obviamente. Dá para dizer aqui quase 180°. Exige um esforço mental e físico, por causa do desgaste assim, né, do ter que estar em atenção plena, todo tempo. E mental porque tem que ter uma serenidade, tem que estar no seu centro, cada um do casal, né... e o casal em si tem que estar com |

| | |
|-----------|--|
| | harmonia para poder conduzir todos os desafios deste início da maternidade. |
| P5 | Modificou 100% a vida do casal. Foi bem difícil, bem difícil, mas, até pelas necessidades que eles tinham e problemas alimentares...eles choravam muito...Então entrou muita gente para dentro de casa, babá e tudo mais...então foi uma reviravolta bem grande! |
| P6 | Modificou bastante, mas na verdade completou muito que a gente tinha assim, de relacionamento. A gente não consegue se imaginar sem... mudou a vida, mudou, mas para muito melhor...em termos de família! |
| P7 | 100% modificada. Foi uma invasão na casa vamos dizer, pois estávamos acostumados com somente eu e o Marido. Total falta de privacidade. |

| | |
|-------------|---|
| Pais | 11) <i>Tem momentos só do casal por semana?</i> |
| P1 | O casal está separado. |
| P2 | - Não foi conversado sobre isso enquanto casal, mas enquanto mãe preservará a convivência enquanto casal em espaço diferenciado do da criança, pois é uma energia que passa para a criança. - Não deixará a criança com outrem para saída de casal...claro dependendo da ocasião...Sei que o casal precisa ter sua particularidade, mas a partir de agora “a gente é uma família” então tem certas coisas que a gente precisa rever. |
| P3 | No momento devido à pandemia e ela estar 24 horas com a gente, fica difícil isso Mas agora já no início de agosto ela vai voltar para a escolinha e aí vamos ver como vai ficar a organização do tempo. |
| P4 | Temos momentos só do casal praticamente todas as noites, porque o bebê dorme mais ou menos pelas 20h. |
| P5 | Não temos momentos do casal por semana, demos essa fugida agora! |
| P6 | Não, nós não temos um tempo só para nós por semana, mas a gente tem alguns dias que a gente consegue... tipo..., mas não na semana, no mês ficar sozinho, a gente sai para jantar, ele vai para a casa dos primos... a gente consegue esse momento. |
| P7 | é um pouco difícil só o casal, mas se tenta |

| | |
|-------------|---|
| Pais | 12) <i>O que mais te irrita no teu filho?</i> |
| P1 | É a teimosia. É ter que falar duas, três vezes e contar até três. Isso me irrita muito! |
| P2 | Neste momento de gestação o que mais me irrita são as dores e o fato de não poder fazer muitas coisas que gostava, por não ter como fazê-las. |
| P3 | . a criança tem uma personalidade bem forte e, às vezes ela teima bastante, e... fica |

| | |
|-----------|---|
| | nervosa, mas faz parte do desenvolvimento também. |
| P4 | O bebê ainda não tem esse poder de me irritar, mas a gente se irrita, é claro, quando está no processo de fazê-lo dormir e, às vezes isso demora um pouquinho de acontecer, mas é mais porque acaba dando um transtorno na rotina dos adultos, né! Mas a criança em si não faz nada que irrite. |
| P5 | Absolutamente nada! Eles têm as manhas, as birras deles, mas nada me irrita! |
| P6 | Boa!!!...Eu acredito que ele é bom demais, tá! Eu...vejo que ele tem uma característica de ser muito...ai, ele é muito... compreensivo às vezes e eu vejo que ele deixa de...não sei o que dizer assim! Ele tem uma bondade que não é minha, não saiu de mim assim! Uma bondade, uma coisa...mas é bom, não me irrita isso. Irrita muito quando ele abre mão das coisas dele pro outro, mas não é frequente também! |
| P7 | as vezes eu me irrita com o excesso de barulho deles hehehe |

| | |
|-------------|---|
| Pais | 13) O que mais te irrita na tua mulher/marido em relação ao teu filho? |
| P1 | O casal é separado. |
| P2 | Na verdade, os meus hormônios, nesse período...o parceiro, desde o início do relacionamento sempre foi uma pessoa muito respeitadora. Eu o admiro e tenho muito orgulho. É uma pessoa que teve tudo para decair na vida, mas se manteve firme... |
| P3 | Acredito que seja... e isso é algo que eu tenho que cuidar também, de coisas que a gente fala na frente ou fala perto...e ela tá sempre de ouvido bem aberto, presta atenção em tudo. A gente tem que cuidar mais do que fala perto. |
| P4 | O que mais irrita, às vezes, é algum lapso de paciência. |
| P5 | Eu achava a (cita o nome da esposa) um pouco permissiva no começo e isso me deixava um pouco nervoso! Os guris abusavam com ela. |
| P6 | às vezes ele se impõe com muita... com muita força, mas sem dar muita explicação. Eu não gosto! Eu acho que...que não é por aí! Mas eu não falo nada na frente da criança, eu converso com ele depois e digo que não me agradou! Mas ele se impõe de uma maneira braba que não...não agrega! Não vejo que agrega. Poderia ser feito de maneira diferente, não é o que, é o como, né!? |
| P7 | em relação ao Marido me incomodava quanto a rispidez com os meninos, mas isso já foi resolvido. Ele também achava que eu era muito " mole", mas já conseguimos nos entender melhor agora. |

| | |
|-------------|--|
| Pais | 14) O que faz para resolver isso? |
|-------------|--|

| | |
|-----------|--|
| P1 | <p>Conto até três! (risos)</p> <ul style="list-style-type: none"> - E se passou do três? - Eu espero! Dou uma pausa e espero o tempo da criança para também não parecer que né... aquela coisa. - E a criança se dá conta...ela para no três? - Ela para no três...Ela espera pelo 3...ela já conhece... Então eu procuro usar o 3 em Estados muito extremos |
| P2 | “Sou imatura ainda... e cada um vai para um lado, mas acredito ser questão de diálogo. |
| P3 | Nós conversamos, tentamos conversar sobre tudo e, com certeza isso a gente traz de vez em quando...pontos que a gente tem que cuidar, principalmente em relação a nossa relação com ela. |
| P4 | Às vezes não é possível resolver a situação no momento em que está acontecendo, mas posteriormente né, dentro de um diálogo, durante uma refeição... eu acredito que não dá para passar batido! Certas coisas tem que ser alinhado ao longo do tempo, ao longo da própria criação do bebê. |
| P5 | Conversamos já, eu e ela...e tá tudo certo, tá tudo certo! |
| P6 | Converso!...para resolver eu converso com ele depois! |
| P7 | ...já conseguimos nos entender melhor agora. |

| | |
|-------------|---|
| Pais | 15) Já buscou ajuda/que tipo de ajuda para educar o filho e para lidar com os conflitos de relacionamento do casal ou dos filhos? |
| P1 | Não ainda não, mas é uma coisa que estou pensando diante desse medo todo...é uma coisa que estou pensando nesse momento de fazer. |
| P2 | No momento não passou isso pela minha cabeça...Acredito que primeiro nós dois tentaríamos resolver...Não pensei nisso antes só agora com a sua pergunta... |
| P3 | Ajuda profissional não, mas nós conversamos muito outros casais e, dessas experiências, a gente busca filtrar aquilo que é bom para nós e para nossa filha e, lógico, a gente pesquisa bastante, mas, por enquanto, ajuda profissional nós não tivemos não. |
| P4 | Sim, através de psicoterapia convencional cognitivo comportamental e, eventualmente, consultoria de autenticação, a nível individual. De casal não. |
| P5 | Acho que não! Não buscamos ajuda. Não sentimos que precisou! |
| P6 | Não, eu nunca busquei ajuda nenhuma, mas eu acho fundamental! Acho bem importante as pessoas que buscam assim... mas depende o profissional, também! Eu vejo que muitas pessoas que trabalham com profissionais que não resolvem... de forma...rápida, vira terapia de anos, isso não combina muito comigo! |

| | |
|-----------|----------------------------------|
| P7 | não busquei ajuda neste sentido. |
|-----------|----------------------------------|

| Pais | 16) Quantos irmãos você tem? Dizer na ordem de nascimento |
|-------------|--|
| P1 | Eu sou a mais velha com 45 anos, e tenho uma irmã, com 34, por parte de mãe. Por parte de pai sou filha única. |
| P2 | Tem uma irmã de 28 anos, eu com 21 e um irmão de 9 anos. |
| P3 | Eu sou o segundo de 4. E eu tenho um irmão mais velho, eu na sequência com um ano e pouco de diferença depois mais espaçado 9 anos pro meu irmão mais novo e a minha irmã caçula mais 9 anos. Então somos quatro e eu sou o segundo. |
| P4 | Sou primogênita, tenho mais uma irmã três anos mais nova. |
| P5 | Eu tenho um irmão mais velho. |
| P6 | Tenho 2 irmãos...por parte de pai e 1 irmão por parte de mãe. Eu sou a filha mais velha tanto do meu pai quanto da minha mãe. Então eu nasci em 84, o meu irmão nasceu em 86, filho da minha mãe. E os filhos do meu pai tem uma diferença grande idade comigo que eu não sei dizer, porque eu também não tive um relacionamento com eles, eu não fui criada por ele...conheci ele quando tinha 22 anos e já existia um menino de 7... e depois veio outro menino! |
| P7 | eu tenho um irmão, que é um ano mais novo que eu; |

| Pais | 17) E seu cônjuge? Dizer na ordem de nascimento. |
|-------------|--|
| P1 | O pai da criança tem cinco irmãos. Ele é o mais novo. |
| P2 | Ele tem 22 anos...Agora tu me pegou porque, na verdade eu não sei, eu conheço apenas duas irmãs dele. Eu acho que tem mais dois irmãos... Uma irmã é a mais velha e tem uma mais nova, acho que ela tem 14 anos. |
| P3 | Minha esposa é a caçula de 3. tem o irmão mais velho, a irmã mais velha e ela é a caçula. |
| P4 | O cônjuge é segundogênito e tem uma irmã mais velha, cinco anos mais velha e uma de 18. |
| P5 | A (cita nome da esposa) tem um irmão mais novo. |
| P6 | O meu marido, ele tem 1 irmão mais velho, daí é ele, então ele é o segundo, daí vem um irmão menino, também, e depois a quarta é uma menina, a caçula é uma menina! |
| P7 | Marido, tem um irmão, mais velho; |

| Pais | 18) Todos são filhos do mesmo pai? |
|-------------|--|
| P1 | Os três filhos são do mesmo pai. |
| P2 | No meu caso todos somos filhos dos mesmos pais. No caso do parceiro a mãe é a mesma e os pais dão diferentes. |
| P3 | Sim! Tanto da minha família quanto da família dela. Graças a Deus tá todo mundo unido até hoje e as famílias continuam unidas. |
| P4 | Todos somos filhos do mesmo pai. Todos os filhos também. |
| P5 | rs rs rs...Os dela os dela, os meus os meus. |
| P6 | No caso do meu marido são todos filhos dos mesmos pais... Eu sou filha de de pai e mãe, depois os irmãos é separado, né!...Eu tenho só 1 filho, o meu marido tem 2 filhos... de um outro relacionamento... |
| P7 | sim, todos são filhos do mesmo pai; |

| Pais | 19) Trabalha onde gostariam de trabalhar ou gostaria em outro espaço? |
|-------------|---|
| P1 | <p>No momento eu saí do meu trabalho que eu amo muito e... estou em busca de uma outra profissão, estou fazendo faculdade, Porque eu via a necessidade Que o trabalho que eu fazia eu não... quando as pessoas chegavam até mim já chegavam em estado praticamente terminal físico. E aí eu comecei a ver ali que o meu trabalho era limitado, E aí eu comecei a buscar uma outra faculdade Aonde eu posso pegar a pessoa nesse início. Tratar a causa da doença, não só a doença. Não ser somente o paliativo, ir lá na causa!</p> <ul style="list-style-type: none"> - Isso tem te realizado enquanto pessoa? - Muito! É algo assim tremendo! |
| P2 | No momento não estou trabalhando, pois parei no início da pandemia. Antes trabalhava em um Projeto pedagógico com crianças, de forma remunerada... |
| P3 | Eu trabalho em dois ambientes: um que eu gosto muito que é a faculdade e acredito que seja um ambiente que fomenta o desenvolvimento pessoal, profissional. E isso é muito importante. E, por outro lado, trabalho também em escolas públicas e aí há algo que, às vezes, me dá um pouco de insatisfação pelo resultado, de você trabalhar e não ver muito resultado naquilo que você está fazendo. Mas vamos ver se...até quando dá para conciliar! |
| P4 | Sim, trabalho onde eu gostaria de trabalhar, mas claro a gente sempre tenta buscar mais espaço em projetos pessoais que possa ter maior amplitude do seu próprio projeto de natureza |
| P5 | Eu trabalho sim onde eu gostaria de trabalhar! Adoro o que eu faço! |
| P6 | Eu hoje trabalho...na verdade eu me sinto em início de carreira, porque eu fui empresária por muitos anos do ramo fotográfico, né! E depois eu decidi sair, fiz |

| | |
|-----------|---|
| | minha formação em coaching, decidi trabalhar com pessoas, quero muito trabalhar com pessoas...já fiz muitos trabalhos com pessoas de forma individual e tô indo por esse caminho! Gosto dos trabalhos em grupo, também. Na verdade, os trabalhos em grupo me deixa mais feliz do que o individual. Sou analista comportamental, analista corporal, então eu tenho...formações e ferramentas para poder trabalhar com pessoas e hoje estudo o curso de Ontopsicologia pra poder com esse conhecimento poder também agregar ao meu trabalho de forma individual! Mas hoje eu estou assim do jeito que eu gostaria, iniciando algo novo e algo que eu gosto muito! |
| P7 | gosto do que faço; |

| | |
|-------------|---|
| Pais | 20) <i>Acha importante ter uma assessoria breve para ajudar o filho?</i> |
| P1 | Aham! Muito, muito importante porque Eu acho que todas as profissões...não querendo comparar um pai, uma mãe como uma profissão. Para tudo na vida a gente tem que se capacitar: para ser motorista tu tem que ir à aula tirar uma carteira, para ser psicólogo, doutor, qualquer que seja a tua profissão tu tem que te capacitar para isso. Nunca vi ninguém se capacitar para ser pai! Então eu acho que isso deveria ser uma regra. Devia ser antes de ter filhos, se capacitar porque pais despreparados geram filhos despreparados Então seria o ápice |
| P2 | Acredito que sim!...Penso que às vezes o casal se preocupa mais do que está acontecendo com os dois do que com o bem-estar da criança... |
| P3 | Com certeza tudo aquilo que for para ajudar a gente considera! Então nós quando achávamos que (nome da criança) tinha algum problema a gente sempre procurou o médico, a gente procurou o fonoterapeuta...Então, quando tem alguma coisa a gente vai falar com o profissional. |
| P4 | Acho importantíssimo ter uma assessoria e não precisa ser uma assessoria breve. O tanto quanto possível uma assessoria durante toda a infância e depois na adolescência também, né!? Porque é um trabalho muito árduo e contínuo. E eu acredito que não se limite só a uma responsabilidade materna e paterna...que dentro do possível a gente deveria envolver outros...outros protagonistas nessa tarefa. |
| P5 | Acho! Acho sim! |
| P6 | Acho fundamental uma assessoria breve para ajudar os filhos. Na verdade, para ajudar os pais, né?!porque os filhos, eles não têm problemas. Eu acredito quem tem problemas...que apresenta os problemas são os pais e, entendo que o curso de Pedagogia da AMF que tem como embasamento a Ontopsicologia é fundamental para o futuro das gerações, para o futuro da família. Quanto mais profissionais aderirem a essa profissão, eu acho que é fundamental, porque eu acredito nas mudanças através da educação. Eu só acredito na mudança do Brasil em relação a Educação, porque tudo que a gente tem hoje na política, nas escolas e a gente vê que as escolas são políticas, né! Nós precisávamos com pessoas com conhecimento ontopsicológico dentro da política pra mudar de dentro pra fora. Pra mudar, por exemplo, eu vou dar uma evidência: as escolas, tá, públicas...vamos supor as escolas de (cita o nome de sua cidade), elas tem os dados de tudo, entende! das famílias |

| | |
|-----------|---|
| | <p>mais carentes, das famílias o que acontece de abuso de não sei o quê não sei o quê...Então o que as pessoas precisam? As mães, principalmente, de turno integral nas escolas para elas poderem sair para trabalhar de forma mais tranquila, porque se a criança tá na escola a criança tá bem assistida. Então, escola pública com ensino integral, tá! Um mapeamento das mães e manter as mães trabalhando, de uma forma buscar ajuda com empresários, buscar ajuda com a sociedade, pra gerar empregabilidade para essas mães. Só aí a gente já tem assim, oh, uma mudança drástica porque a mulher vai começar a se colocar numa situação mais de que ela pode. A criança já vai ter essa noção enxergando a mão, também, realizando fora, não só o pai ou muitas vezes nem o pai nem a mãe trabalham dependendo da renda, né...dependendo da situação, da pessoa. e isso é a política! Eu não vejo outro caminho, entende, porque eles têm tudo, então é algo que... e com alguém, imagina, nós, por exemplo, nós dentro da política, com conhecimento da Ontopsicologia, a gente pode colocar, fazer um trabalho muito diferenciado com os professores, né? Que é o que a AMF já faz, mas a AMF faz muito regional. Então isso tem que ir para o Brasil, tem que ir para o Rio Grande do Sul, tem que ir mais longe. Então o trabalho diferenciado com os professores, doutores. Doutores não deveriam estar dando aula nas universidades. Doutores deveriam estar dando aulas para a infância, crianças, porque ali é a base de tudo, né! Então eu acredito muito nisso e eu vejo que um caminho é a política de dentro para fora! Imagina a diferença que daria em uma cidade se tivesse pessoas focadas em cima desse projeto, entendeu: psicólogos, ontopsicólogo, pessoal da assistência social, tudo focado para que essa engrenagem funcione. E com mapeamento, cobrando! Para a criança ficar um turno inteiro na escola a mãe tem que estar trabalhando. Tudo muito mapeado! Então, fugir do assistencialismo que é dar um rancho para a mãe ficar em casa...e ir em direção ao trabalho, porque trabalho é dignidade! Essa pessoa vai se sentir digna para fazer mais! E esse é também o trabalho de grandes líderes! Mas que eu vejo que na política de dentro para fora é mais fácil de fazer, porque o mecanismo tá pronto e eles têm dinheiro para isso! As prefeituras têm dinheiro para isso! Já sei, porque o meu filho estuda em escola pública, porque eu estudo hoje e não tenho condições de manter ele numa escola particular e eu estudo numa particular e tal. Ele estuda e a escola...o ensino em (cita o nome da cidade) é muito bom! E a professora dele me chamou e disse (cita o próprio nome) “puxa a frente...tem que ter mães como tu para puxar a frente, para lutar por isso, porque tem como ser feito! Ela me disse “tem como ser feito! É muito professor com horas vagando que não fazem nada...é muita sala vazia m turno oposito...dá para fazer um trabalho muito legal para a criança ficar na escola manhã e tarde....</p> |
| P7 | <p>sim, acho importante ter uma assessoria para auxiliar com os filhos na medida que as necessidade vão surgindo. Com certeza uma assessoria profissional auxilia muito no dia a dia e nos desafios frente ao ensino, escola.</p> |

| | |
|-------------|--|
| Pais | 21) <i>Que filho você não quer?</i> |
| P1 | <p>Hum, é impossível para uma mãe dizer que não quer um filho de qualquer...acho que por mais que um filho não seja do jeito que o pai quer ele vai ser sempre bem-quisto por um pai ou uma mãe. Então eu acredito que não, não tem não..., mas sempre vai aceitar, vai amar o filho incondicionalmente, independente da escolha</p> |

| | |
|-----------|---|
| | que ele fizer... então não tem essa palavra. |
| P2 | Minha criança nasce na era da tecnologia, mas não quero que seja alienada a tecnologia. Dependendo de nós dois a criança não terá contato com o celular. Tenho uma experiência familiar com relação ao celular.... |
| P3 | Então eu não quero...lógico que... acredito que a gente sempre vai aceitar os filhos da maneira que são, mas eu não quero uma pessoa que não tenha valores. Não quero uma pessoa que seja ingrata. Não quero uma pessoa que não saiba de onde vem. Bom se Deus quiser ela vai ter valores, vai saber respeitar os outros, vai saber fazer as coisas por mérito próprio. |
| P4 | É uma das perguntas mais difíceis. Que filho que não quer! É difícil porque às vezes a gente tenta...impor, colocar, educar, uma visão de mundo que é nossa, que é própria nossa a um filho que chega. E, só que às vezes esse filho nasce com um potencial criativo ou com uma história já em forma de semente da qual a gente ainda não tem conhecimento e só o tempo vai dizer. Mas se eu pudesse escolher... não quero um filho apático, que não tenha autonomia, que seja muito dependente da família e do Estado. |
| P5 | (escreveu a resposta) Sendo honestos e educados e sabendo valorizar de onde vem o sustento, podem fazer o que quiser. |
| P6 | eu não quero um filho frustrado...que não se realize...que não seja ele mesmo...que não agregue para o mundo...Porque ele pode, sim, fazer por ele mesmo! Eu quero um filho que se coloque em primeiro lugar, mas que ele possa fazer a diferença no meio dele, no meio onde vive, das pessoas com quem ele convive, |
| P7 | sem resposta |